

Bárbara Cristina Baptista de Sousa

As trocas intergeracionais com crianças e jovens em risco – O uso de uma App intergeracional

Bárbara Sousa

As trocas intergeracionais com crianças e jovens em risco



Bárbara Cristina Baptista de Sousa

As trocas intergeracionais com crianças e jovens em risco – o uso de App intergeracional

Dissertação de Mestrado

Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco

Trabalho efetuado sob a orientação de:
Professora Doutora Maria João Amante
Professora Doutora Lia Araújo

Agradece-se o apoio do projeto VIAS | Viseu InterAge Stories, uma aplicação móvel para a promoção da inclusão social e hábitos de vida saudável. O projeto VIAS | SAICT-POL/23485/2016 é co-financiado pelo FEDER (PORTUGAL2020) e pelo Orçamento do Estado Português (FCT).

julho 2019



DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE CIENTÍFICA

Bárbara Cristina Baptista de Sousa, nº 6545, do curso de mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco declara, sob compromisso de honra, que o trabalho de Projeto Final é inédito e foi especialmente escrito para este efeito.

Viseu, 12 de julho de 2019

A aluna,

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Maria João Amante, e à minha coorientadora, Professora Doutora Lia Araújo, pela compreensão, partilhas, orientações e todos os ensinamentos.

A todos aqueles que, atenciosamente, colaboraram neste estudo, desde adultos mais velhos, crianças e jovens, até aos profissionais e instituições.

A todos os docentes, da Escola Superior de Educação Viseu, por todos os momentos de incentivo e contributos científicos e pessoais, determinantes na construção da minha identidade profissional e até pessoal.

Agradeço aos meus Amigos, em especial à Professora Doutora Cristina Azevedo Gomes, e à Professora Doutora Helena Gomes, pelas constantes palavras de ânimo, por todo o carinho e generosidade.

Aos meus familiares, pelo amor e apoio incondicionais na concretização dos projetos a que me proponho, em especial ao meu avô, mesmo ausente, me inspirou e incentivou na concretização desta tarefa.

Ao Bruno, o meu braço direito, pela estabilidade que me proporcionas, por me incentivares a crescer diariamente.

Ao meu filho, César, o meu maior e mais importante “projeto”, pelas brincadeiras que não fizemos, e pela compreensão de uma mãe com menos paciência.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	1
Capítulo I - Enquadramento teórico	7
1. Concetualização do projeto	7
1.1. As crianças e jovens em risco.....	8
1.2. Os adultos mais velhos	10
1.3. A intergeracionalidade	11
1.4. Os programas/relações intergeracionais entre crianças e jovens em risco e os adultos mais velhos.....	12
1.5. O digital e a promoção das práticas intergeracionais.....	15
Capítulo II – Plano de Investigação	17
1. Estudo preliminar	17
1.1. A tradução e adaptação da Intergenerational Exchanges Attitude Scale (IEAS) .	19
1.1.1. Sujeitos: população e amostra.....	19
1.1.2. Instrumento	21
1.1.3. Procedimentos	24
1.1.4. Técnicas de análise de dados.....	24
1.1.5. Resultados	24
1.1.6. Discussão dos resultados	30
2. Estudo das Trocas Intergeracionais com Crianças e Jovens em Risco – O uso de uma App	31
2.1. Apresentação do estudo	31
2.1.1. Formulação do problema e definição de objetivos	31
2.1.2. Formulação de hipóteses.....	32
2.2. Metodologia.....	32
2.2.1. Definição e operacionalização das variáveis	32
2.2.2. Sujeitos: população e amostra	33
2.2.3. Instrumentos.....	33
2.2.3.1 Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais (EATI).....	33
2.2.4. Procedimentos	34
2.2.5. Técnicas de análise de dados.....	35
2.3. Resultados esperados	35
CONCLUSÕES	38
BIBLIOGRAFIA	40
ANEXOS.....	48
ANEXO A - Instrumento para avaliar a compreensão da EATI	49
ANEXO B – Autorização autor da EATI	51
ANEXO C – Autorização do autor da validação da EATI para a População Brasileira ...	53
ANEXO D – Pedido de autorização para recolha de dados remetido às instituições	54
ANEXO E – Pedido de autorização para recolha de dados remetido aos Encarregados de Educação.....	55
ANEXO F – Questionário aplicado para validação da EATI (Crianças e Jovens)	56
ANEXO G – Questionário aplicado para validação da EATI (Adultos mais Velhos).....	59
ANEXO H – Questionário aplicado para validação da EATI (Profissionais).....	62

ÍNDICE DE QUADROS E FIGURAS

Figura 1. Etapas do processo de tradução e adaptação de instrumentos	18
Quadro 1. Adaptação dos itens originais da EATI para a cultura portuguesa	22
Quadro 2. Testes de <i>KMO</i> e Esfericidade de <i>Bartlett</i>	27
Figura 2. Teste de resíduos (scree test) para o número de fatores da EATI – versão Portuguesa.....	28
Quadro 3. Estrutura fatorial final e valor de <i>alpha</i> de Cronbach	29

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Caracterização dos participantes no processo de validação de construto e validação convergente da EATI	19
Tabela 2. Estrutura fatorial final e valor de <i>alpha</i> de Cronbach	28
Tabela 3. Correlação inter-item das cinco subescalas apresentadas na versão portuguesa da EATI	30

LISTA DE ABREVIATURAS

ACAV – Atributos das Crianças e Adultos mais Velhos

CP – Controlo e Poder

EATI – Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais

IEAS – *Intergenerational Exchanges Attitude Scale*

ITC – *International Test Commission*

KMO – *Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy*

PAVC – Perceções dos Adultos mais Velhos em relação às Crianças

PCAV – Perceções das Crianças em relação aos Adultos mais Velhos

RAVC – Relações entre Adultos mais Velhos e Crianças

RCAAP - Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal

SPSS – Statistical Package for the Social Science

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

VIAS - Viseu InterAge Stories

RESUMO

Compreender que a pluridimensionalidade das atitudes face as interações entre diferentes gerações, assume-se como fulcral para a cooperação e entendimento intergeracional, bem como para a redução de esterótipos e preconceitos. O principal objetivo deste estudo será compreender a mudança de atitudes das crianças e jovens bem como adultos mais velhos e profissionais, em relação às trocas intergeracionais.

Num primeiro momento, este projeto careceu de um estudo preliminar, que consistiu no processo de validação transcultural da Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais. Mantendo as suas propriedades psicométricas originais, esta adaptação de um instrumento pressupõe a combinação de duas etapas interligadas: (i) a tradução do instrumento e (ii) a sua adaptação cultural (equivalências conceituais e linguísticas) e a verificação das propriedades psicométricas do novo instrumento e do estabelecimento de valores normativos para a nova versão.

Num segundo momento, apresenta-se uma proposta de projeto que permite explorar a mudança de atitudes face as trocas intergeracionais. Esperando encontrar-se atitudes mais positivas em relação às trocas Intergeracionais associadas a scores mais altos na Escala supramencionada.

Assumindo-se a Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais como uma ferramenta útil para avaliar o impacto da mudança de atitudes entre crianças e jovens, e adultos mais velhos, bem como para profissionais que desenvolvem ações Intergeracionais, num terceiro momento é realizada uma proposta de utilização deste instrumento junto de crianças e jovens em risco.

Palavras-chave: Crianças; Adultos mais velhos; Relações Intergeracionais; Programa Intergeracional.

ABSTRACT

Understand that the multidimensionality of attitudes towards interactions between different generations is assumed to be essential to intergenerational cooperation and understanding, as well as to the reduction of stereotypes and prejudices. The main objective of this study is to understand the Attitudes of Children and Young People as well as Older adults and Professionals in relation to Intergenerational Exchanges.

At first, this project lacked a preliminary study, which consisted in the process of cross-cultural validation of the Attitudes Scale in relation to Intergenerational Exchanges. Keeping its original psychometric properties, this adaptation of an instrument presupposes the combination of two interrelated stages: (i) the translation of the instrument and (ii) its cultural adaptation (conceptual and linguistic equivalences) and the verification of the psychometric properties of the new instrument, and the establishment of normative values for the new version.

In a second moment, a project proposal is presented that allows to explore the change of attitudes towards the intergenerational exchanges. Hoping to find more positive attitudes towards Intergenerational exchanges associated with higher scores in the above mentioned Scale.

Taking into account that the Intergenerational Exchange Attitudes Scale it's a useful tool to evaluate the impact of changing attitudes among children and young adults and older adults, as well as for professionals who develop Intergenerational actions, in a third moment a proposal is made for the use of this instrument among children and young people at risk.

Keywords: Children, Elderly, Generation, Intergenerational Relationship and Intergenerational Program.

INTRODUÇÃO

Este trabalho integra-se no projeto VIAS | Viseu InterAge Stories, uma aplicação móvel para a promoção da inclusão social e hábitos de vida saudável. O projeto VIAS | SAICT-POL/23485/2016 é co-financiado pelo FEDER (PORTUGAL2020) e pelo Orçamento do Estado Português (FCT).

A preocupação para com a proteção das crianças e jovens, bem como a defesa dos seus direitos tem vindo a ser significativamente mais acentuada no decorrer dos anos, contudo só em 1989 foi instaurada a Convenção dos Direitos da Criança pela Assembleia Geral das Nações Unidas, ratificada, em 1990 pela Assembleia da República Portuguesa (Calheiros, 2006).

O contributo das ciências sociais e psicologia, em particular, têm vindo a desempenhar um importante papel no desenvolvimento do conceito de criança e do papel parental na educação, fomentando o crescente interesse pelas condições que potenciam o bem-estar e o desenvolvimento das crianças e jovens. Nesta linha de ideias desenvolve-se o interesse pelas circunstâncias que colocam as crianças e os jovens em risco (Calheiros, 2006).

Segundo Pereira e Santos (2011), as crianças e jovens estão expostos a fatores de risco, que raramente ocorrem isoladamente e que geralmente se prolongam no tempo.

São diversos os contextos que podem exercer influência de forma mais ou menos favorável, nomeadamente os contextos familiar, escolar, social e grupo de pares. Deste modo, problemáticas familiares relacionadas com violência, pobreza, negligência e outros, podem contribuir para o desenvolvimento de crianças e jovens em situações de risco (Dickson, Emerson & Hatton, 2005). Segundo Fonseca (2004), pode considerar-se a criança e jovem em risco, aqueles que pelas características da sua família, estão sujeitos a elevadas probabilidades de vir a sofrer omissões e privações, que comprometam a satisfação das suas necessidades básicas de natureza de natureza material ou afetiva.

As novas formas de família e estilos de vida, bem como, a crescente segregação social, representam situações que afetam as gerações e preocupações na sociedade atual.

Os adultos mais velhos e as crianças/jovens, pertencem a grupos sociais, onde as diferenças individuais, entre estilos e modos de viver se acentuam cada vez mais, e são evidentes a vários níveis, designadamente institucional, espacial e

cultural (Hagestad & Uhlanberg, 2005).

Crianças e jovens, inseridos em contextos mais vulneráveis, encontram no contacto intergeracional a oportunidade de alcançarem o seu potencial, proporcionando-lhes uma relação significativa, um ponto de partilha de experiências, e no longo prazo até a possibilidade Este será um amigo, com quem pode divertir-se, partilhar experiências, e no longo prazo poderá até desempenhar o papel de modelo.

Cummings, Williams e Ellis (2003), sugerem que os estudos Intergeracionais devem ir par além da população geral de crianças em idade escolar, analisando também os resultados dos programas intergeracionais em populações específicas, nomeadamente de crianças e jovens em risco. São estes que se encontram em situações mais vulneráveis, de carências económicas, perturbações mentais, baixas habilitações académicas, problemas de comportamento, antecedentes criminais, uso de substâncias e/ou famílias desestruturadas (Ellis & Sowers, 2000; Barker, 1995).

Tomando como exemplo o programa de mentoria *Big Brothers, Big Sisters*, os programas Intergeracionais tem efeitos positivos a longo prazo nas crianças e jovens, como por exemplo ao nível da autoestima e das competências sociais, assim como: menor probabilidade de consumo de drogas; menor probabilidade de consumo de álcool; menores taxas de abandono escolar; menores taxas de absentismo escolar e menor agressividade. Permite ainda, junto das crianças e jovens envolvidos, melhorias no desempenho escolar, enriquecimento cultural e social e novas experiências. Poderá ainda promover uma redução nos comportamentos antissociais, onde a outra faixa etária fornece bons modelos, havendo assim, melhoria das relações das crianças/ jovens com a família e com o grupo de pares.

O envelhecimento demográfico assume-se como uma das transformações sociais com maior expressão no século XXI (United Nations, 2017). Dados recentes das nações unidas demonstram que em 2017 viviam em todo o mundo 962 milhões de pessoas idosas, correspondendo a 13% da população mundial, e as estimativas apontam para um acentuado crescimento deste grupo nas próximas décadas: 2,1 biliões em 2050. A população com 60 ou mais anos é a que está a crescer mais rapidamente, registando-se na Europa a percentagem mais elevada (cerca de 25%).

Portugal é o 4.º país da União Europeia com maior percentagem de pessoas idosas (European Commission, 2015), sendo que, segundo dados da PORDATA

(2018), em 1961 o índice de envelhecimento era de 27,5% enquanto em 2016 já se situava nos 148,7% (valor acima da média europeia, que era para esse mesmo ano de 123,9%). Em 2016, cerca de 20% da população portuguesa tinha 65 ou mais anos de idade, estimando-se que em 2030 as pessoas desta faixa etária representem 26% da população.

O envelhecimento populacional acarreta implicações nas mais diversas áreas de atuação do Estado e da sociedade, desde a segurança social, saúde, educação, emprego, habitação, estruturas familiares, até às próprias instituições sociais e transportes. A título de exemplo, entre 2010 e 2016, o número de pensões de velhice aumentou cerca de 7%, abrangendo esta medida aproximadamente 2,5 milhões de pessoas (Moreira, 2019). Assiste-se ainda ao aumento generalizado do número de equipamentos destinados a adultos mais velhos, como estruturas residenciais, centros de dia, serviços de apoio domiciliário, entre outros, colocando em evidência a concomitância dos fenómenos do envelhecimento e da institucionalização dos adultos mais velhos (Moreira, 2019).

Ter conhecimento do quadro demográfico atual é essencial na compreensão das suas implicações, bem como as próprias políticas públicas e respostas sociais que surgem no sentido de lhes dar resposta. Apesar de parte do discurso político mundial recorrer a um tom assustador e economicista ao referir-se a estas alterações demográficas, relacionando-as, sobretudo, com a (in)sustentabilidade dos sistemas de proteção social e saúde, a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2002), bem como algumas instituições da União Europeia, têm como palavras de ordem o “envelhecimento ativo” e a “solidariedade intergeracional”. Na linha de autores como Bengtson e Oyama (2007), Sánchez, Kaplan e Saéz (2010), no presente projeto defende-se que o novo cenário demográfico não poderá ser visto como uma ameaça às práticas intergeracionais, mas como uma mudança necessária das formas como as mesmas são desenvolvidas.

Nesta linha, o envelhecimento não pode ser encarado como um problema, mas sim como uma etapa natural do ciclo de vida. Este é um desafio que as sociedades enfrentam, e para o qual é premente direcionar um olhar positivo e empreender em ações concertadas e coletivas, que objetivem a participação das diferentes gerações em atos de partilha e solidariedade.

Para Beltrão e Nascimento (2000) é consensual que o papel central da educação passa por preparar o cidadão para o futuro, visando fazer a ligação com as comunidades envolventes. É ainda corroborado pelas mesmas autoras que a

escola deverá ter como meta a promoção de uma cidadania ativa para que se consiga quebrar estereótipos e preconceitos promovendo o convívio de gerações distintas com vista à partilha de conhecimentos e saberes.

Segundo Arenilla, Gossot, Rolland e Roussell (2013, p.187), “educação designa o conjunto das influências do ambiente, as dos homens ou as das coisas, chegando a transformar o comportamento do indivíduo (...), educação designa a influência de uma geração sobre as crianças, os jovens ou os adultos para deles fazer seres inseridos numa dada sociedade”.

Nas últimas décadas, nas sociedades ocidentais, a família tem passado por mudanças significativas, provocadas por diversos factores, como a descida das taxas de natalidade, a incorporação da mulher no mundo do trabalho, uma maior igualdade entre géneros e a emergência de novas configurações familiares, entre outras, com incontornáveis implicações nas dinâmicas familiares. Ao mesmo tempo, tem-se verificado um fenómeno chamado “verticalização da família”, que consiste num menor número de membros familiares distribuídos pelas diversas gerações, fruto das decrescentes taxas de natalidade e que, em simultâneo com o aumento da esperança média de vida, tem como consequência uma maior probabilidade de coexistência e partilha de várias gerações familiares (Knipscheer, 1988; Szinovacz, 1998a).

Educar é, cada vez mais, uma tarefa difícil e desafiante. Todas as crianças têm as suas particularidades e por isso a sua resposta aos diferentes estímulos é diferente. A sociedade em que vivemos coloca-nos, cada vez mais, novos desafios e perigos mas também nos apresenta uma maior fonte de informação que bem utilizada pode ser uma ferramenta importante para abrir caminhos e construir uma cidadania responsável.

A forma como a sociedade encara este fenómeno do envelhecimento pode influenciar as pessoas e o bem-estar da sociedade, através do desenvolvimento de atitudes e comportamentos idadistas.

Quando estas atitudes e comportamentos idadistas ocorrem em relação e entre crianças, jovens e adultos mais velhos, podem conduzir a uma separação entre as gerações e conseqüentemente afetar o seu autoconceito, autoestima e bem-estar.

O desenvolvimento das práticas de intergeracionalidade, através de programas e atividades intergeracionais entre crianças, jovens e adultos mais velhos, permite a aproximação entre as gerações, a promoção do autoconceito,

autoestima e bem-estar e, ainda, a diminuição de discriminação e estereótipos idadistas, entre outros aspetos (Vieira, 2010).

O idadismo refere-se a atitudes e práticas negativas generalizadas em relação às pessoas, com base numa característica apenas – a sua idade (Marques, 2011). É fruto de um tipo de categorização, dos mais enraizados, cultural e estruturalmente, nas nossas sociedades. A “cronologização” da vida (Kohli, 1988) cristalizou-se de tal modo que o Estado, as organizações, as escolas, entre outras instituições sociais, passaram a assumir essa categorização como natural e não como uma construção socio-histórica.

Categorizar os outros em categorias tão amplas como “jovens” e “idosos” traduz, frequentemente, a realização de inferências automáticas e baseadas em estereótipos sobre as habilidades e as características pessoais dos indivíduos (Nelson, 2002). A evidência empírica mostra que as crenças, baseadas em estereótipos, sobre adultos mais velhos, podem levar a que os jovens adultos protagonizem comportamentos discriminatórios, face aos mais velhos (e.g., Kwong See & Heller, 2004; Kwong See, Hoffman & Wood, 2001).

Com a finalidade de romper paradigmas e desconstruir estereótipos e preconceitos, a investigação sobre as atitudes em relação ao envelhecimento, à velhice e à intergeracionalidade necessita de ser alvo de um maior investimento. A escassez de referências e de estudos sobre esta temática fundamenta-se na revisão bibliográfica realizada nas seguintes bases de dados: Scielo; Scopus; B-On; RCAAP; Redalyc; ERIC. Os termos utilizados para a pesquisa foram: *Children, Elderly, Generation, Intergenerational Relationship e Intergenerational Program*.

No que concerne às relações intergeracionais, apesar do aumento do interesse em investigações na área do envelhecimento, verifica-se que há poucos instrumentos que mensurem as atitudes no que diz respeito aos adultos mais velhos e ao próprio envelhecimento. Após revisão da literatura nacional, encontraram-se instrumentos que caracterizam as imagens sociais da velhice e de envelhecimento em diferentes grupos etários, como é o caso da Escala ImAges (Sousa, Cerqueira, & Galante, 2002), e com o objetivo primordial de conhecer a opinião dos idosos acerca das atividades intergeracionais, é comumente utilizado o Questionário das Atividades Intergeracionais adaptado de Dellmann-Jenkins (1997).

Assim, face a necessidade de um instrumento que permitisse apoiar na melhor compreensão do comportamento, das percepções e das atitudes em relação às trocas intergeracionais, o presente projeto tem como principal objetivo

compreender a mudança de atitudes das crianças e Jovens, bem como adultos mais velhos e profissionais, em relação às trocas intergeracionais.

Visando alcançar o objetivo proposto, o presente projeto encontra-se estruturado em dois capítulos. O capítulo I corresponde ao enquadramento teórico, onde se abordam aspetos relacionados com as atitudes em relação à velhice, bem como sobre as gerações (adultos mais velhos e crianças/jovens), as relações intergeracionais e os programas intergeracionais.

No capítulo II, relativo ao plano de investigação e enquadramento metodológico do projeto, onde se apresentam formulados os objetivos, o problema e as hipóteses de investigação bem como definidas as variáveis a estudar, os instrumentos, a amostra, os procedimentos e, finalmente, as técnicas de análise de dados. Na primeira parte deste capítulo é apresentada a preparação do instrumento a ser integrado no protocolo de investigação definido, concretamente todo o processo de tradução e adaptação da *Intergenerational Exchanges Attitude Scale*, de Stremmel, Travis e Kelly-Harrison (1996), numa amostra de adultos mais velhos, crianças e jovens, bem como profissionais portugueses com intervenção em contexto social.

A fase seguinte deste capítulo remete para o estudo, sob a forma de projeto de investigação, com o principal objetivo de analisar o impacto da utilização de uma App intergeracional na mudança de atitudes das crianças e jovens em risco face as trocas Intergeracionais, isto com recurso a instrumento apresentado nesta dissertação. São ainda apresentados, no final os resultados esperados, de acordo com a literatura existente.

No que concerne às conclusões, são apresentadas algumas considerações finais sobre o trabalho desenvolvido, bem como limitações e aspetos a melhorar em investigações futuras na área em causa.

Capítulo I - Enquadramento teórico

1. Concetualização do projeto

As novas formas de família, estilos de vida, bem como, a segregação social representam situações que afectam diretamente as gerações e as suas preocupações na atualidade.

Os adultos mais velhos e as crianças/jovens pertencem a grupos sociais, onde as diferenças individuais, entre estilos e modos de viver se acentuam cada vez mais, e são evidentes a vários níveis, designadamente institucional, espacial e cultural (Hagestad & Uhlanberg, 2005). Segundo estes autores, a separação com base na idade, promove o desenvolvimento de crenças, atitudes e comportamentos idadistas. O idadismo refere-se a uma forma de discriminação que se baseia na idade das pessoas, e que pode atingir vários grupos etários (Butler, 1969).

Por outro lado, estas atitudes negativas em relação às crianças/jovens e adultos mais velhos confirmam e reforçam a separação entre as gerações, com consequências potenciais negativas para o auto-conceito, auto-estima e bem-estar.

Algumas pesquisas têm demonstrado que existe uma perceção mais positiva e menos estereotipada sobre os parentes mais velhos, como por exemplo os avós, com quem a criança entra em contacto. As crianças que não tenham tido oportunidades para interagir com os seus avós, ou que estas sejam mais escassas, como é o caso das crianças e jovens em risco, terão uma maior probabilidade de apresentar sentimentos negativos acerca destes e do seu envelhecimento (Seefeldt, Warman, Jantz e Galper, 1990, citado por Nunes, 2009). Neste sentido, o tipo e a qualidade do contacto podem ter uma influência crucial sobre as atitudes das crianças.

A infância conturbada e privada de laços afetivos fortes traz consequências futuras para o repertório comportamental dos indivíduos, inclusive para sua auto-estima, que pode definir sua forma de relacionamento com o outro e com o mundo em geral (Weber & Kossobudzki, 1996).

As crianças e os adolescentes institucionalizados precisam de interagir efetivamente com pessoas, objetos, símbolos e com um mundo externo acolhedor (Bronfenbrenner, 1990). A instituição deve fazer parte da rede de apoio social e afetivo, fornecendo recursos e modelos identificatórios positivos, segurança e proteção. Se assim for, oferecerá um ambiente propício para o pleno desenvolvimento cognitivo, social e afetivo das crianças e adolescentes inseridos neste contexto. Deste modo, pretende-se destacar a necessidade de políticas públicas de intervenção direcionadas às instituições de acolhimento, considerando o grande número de crianças e

adolescentes institucionalizados, de forma a favorecer uma melhoria das condições de atendimento a esta população.

As trocas intergeracionais ajudam na criação de figuras de referência e de laços afetivos, tão importantes no caso das crianças e jovens em risco. Como tal a dinamização de programas, na condição de contacto intergeracional com adultos mais velhos podem estimular a diminuição do idadismo, a melhoria do auto-conceito e da auto-estima e, ainda, a promoção do bem-estar das crianças e jovens.

Por fim, é relevante considerar as TIC como um campo promissor e enriquecedor para a obtenção de dados sobre atividades intergeracionais, destacando-se pelo valor mútuo que representam para ambas as gerações, encorajando a comunicação, solidariedade, e contacto social (Al Mahmud, Mubin, Shalid, & Martens, 2010; Derboven et al., 2012), derrubando estereótipos, e provavelmente reduzindo o hiato geracional (Mesch, 2006). No caso concreto, recorrer-se à App VIAS|Viseu InterAge Stories, enquanto promotora de práticas de interação colaborativa intergeracional, promovendo um maior sentido de pertença a uma comunidade e apoiando estilos de vida mais saudáveis e inclusivos.

Em Portugal, da revisão da literatura efetuada, não são conhecidos trabalhos que abordem as atitudes em relação às trocas intergeracionais tendo em consideração a relação que as diferentes gerações estabelecem, e considerando, de modo mais específico, o Idadismo nas crianças/jovens em risco e adultos mais velhos.

No projeto proposto, após a validação do instrumento adaptado, a *Intergenerational Exchanges Attitude Scale* (Stremmel, Travis, & Kelly-Harrison, 1996), doravante designada por Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais (EATI), pretende-se verificar não apenas de que forma a intergeracionalidade entre as crianças/jovens em risco e os adultos mais velhos, influenciam o conceito de idadismo entre estas gerações, mas também a próprio impacto destas práticas intergeracionais nas mudanças de atitudes por ambas as partes.

1.1. As crianças e jovens em risco

Dados referem que as crianças continuam a ser o grupo mais afetado pela pobreza, sendo a taxa de risco de pobreza em 2015 de 22.4% e em 2016 de 20.7%. No caso das pessoas idosas verificou-se, também, uma diminuição para 17.0% em 2016, ao invés dos 18.3% registados em 2015 (EAPN, 2017). Segundo o Inquérito às Condições de Vida e Rendimento (Comissão Europeia, 2017), relativamente aos grupos mais vulneráveis à pobreza ou exclusão social, encontramos as mulheres, as pessoas com mais de 75 anos e as crianças e jovens com menos de 18 anos.

A necessidade de proteção das crianças e a defesa dos seus direitos em relação aos pais, família e sociedade já era considerada uma preocupação, mas só em 1989, foi instaurada a Convenção dos Direitos da Criança pela Assembleia Geral das Nações Unidas, ratificada, em 1990 pela Assembleia da República Portuguesa (Calheiros, 2006).

Existem diversos contextos que podem exercer influência de forma favorável ou desfavorável, nomeadamente o contexto familiar, o contexto escolar e o contexto social, grupo de pares. Desta forma, adversidades familiares relacionadas com a violência, pobreza, negligência e outros problemas familiares, podem influenciar o desenvolvimento de crianças e jovens em situações de risco (Dickson, Emerson, & Hatton, 2005).

As crianças e jovens estão expostos a fatores de risco, que raramente ocorrem isoladamente e que geralmente se prolongam no tempo (Pereira & Santos, 2011). Pode considerar-se a criança e jovem em risco, a criança ou o jovem que pelas suas características biológicas e/ou pelas características da sua família, está sujeita a elevadas probabilidades de vir a sofrer de omissões e privações, que comprometam a satisfação das suas necessidades básicas de natureza material ou afetiva (Fonseca, 2004).

A Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (Lei 147/99, de 1 de Setembro) define que uma criança está em perigo quando os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto ponham em perigo a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento, ou quando esse perigo resulte de ação ou omissão de terceiros ou da própria criança ou do jovem a que aqueles não se oponham de modo adequado a removê-lo.

O acolhimento institucional é uma medida de promoção e protecção contra maus-tratos, negligência e/ou incapacidade de providenciar a educação por parte dos progenitores, e que não permitem a criação de condições básicas para o desenvolvimento adequado das crianças ou jovens. Esta medida está prevista no artigo 35º (alínea f) da Lei de protecção de crianças e jovens em perigo (Lei n.º 147/99) e é definida como uma medida de colocação, em que a criança ou o jovem é colocada/o aos cuidados de uma entidade com instalações e equipamento de acolhimento permanente e de uma equipa técnica que irão garantir os cuidados adequados às necessidades, bem como proporcionar condições que permitam a sua educação, bem - estar e desenvolvimento integral (artigo 49.º). Segundo dados do Relatório CASA (2017), em Portugal, encontravam-se 7.553 crianças e jovens em acolhimento.

A relação das crianças/jovens acolhidos com os adultos que trabalham na instituição tem constrangimentos e características próprias, caracterizando-se pela prestação de

um serviço profissional por parte destes, com horários definidos e uma elevada rotatividade, o que propicia o estabelecimento de relações contratualizadas, predictoras de reduzido envolvimento ou compromisso pessoal, marcadas por um carácter transitório. Há uma obrigatoriedade e uma disponibilidade afetiva expectável associada ao carácter temporal da relação (Bravo & Del Valle, 2003). Deste modo, as crianças e jovens em acolhimento institucional, que não tiveram nenhuma figura de referência consistente anteriormente ao seu acolhimento, podem apresentar um autoconceito enfraquecido (Nunes, 2010).

Segundo o Manual de processos-chave – Lar de Infância e Juventude (Instituto de Segurança Social, I.P., 2006), todas as crianças e jovens institucionalizadas, têm direito a receber visitas de familiares, podendo ter contacto com os pais e avós, exceto nas situações em que exista indicação contrária.

As Instituições que têm várias valências, para adultos mais velhos, crianças e jovens, podem ter Centros e atividades separadas para cada uma das gerações. Nestes casos, de acordo com Vieira (2010) as Instituições educativas e de cuidados, através da segmentação etária, estruturam, segmentam e por sua vez controlam a organização da sociedade. O autor Veloso (2007) parece alertar para o tratamento separado de jovens e idosos ao nível disciplinar, político e de celebração de datas festivas, o que em vez de aproximar crianças, jovens e pessoas idosas, como seria suposto, os separa ainda mais.

Nas Instituições educativas para crianças e jovens, bem como nos serviços de cuidados e residência para pessoas idosas, a implementação de programas intergeracionais tem surgido em diferentes países como uma estratégia bem-sucedida para lidar com as alterações sociais e demográficas (Vieira, 2010).

Posteriormente, apresenta-se uma breve reflexão sobre a intergeracionalidade e os programas e atividades intergeracionais, sendo esta uma das estratégias que tem revelado maior potencial na aproximação das diferentes gerações.

1.2. Os adultos mais velhos

As últimas décadas do século passado registaram um aumento contínuo do número de pessoas idosas que transformou as sociedades mais desenvolvidas em sociedades envelhecidas. A queda da fertilidade e o aumento da esperança média de vida estão na base desse aumento e da importância que a percentagem de população idosa tem hoje na sociedade portuguesa. Não se perspectivam para breve mudanças do atual padrão demográfico do envelhecimento (Ferreira, 2011).

A discriminação de pessoas baseada na idade designa-se por idadismo ([idade + (rac)ismo]); termo que provém de “ageism” (Butler, 1969). Contudo, o idadismo refere-se à discriminação de pessoas de qualquer grupo etário por motivos da idade; por isso, não atinge só as gerações mais novas em relação às mais velhas (como considerado inicialmente), mas também as gerações mais velhas em relação às mais novas.

1.3. A intergeracionalidade

Segundo a Declaração de Dortmund (1999) e a ONU (2002), a intergeracionalidade pretende aproximar as gerações entre si e gerar ações entre elas, fazendo frente às alterações nas dinâmicas familiares, comunitárias, de convivência e relações. Temos presente que os benefícios geracionais são grandes, em termos de troca de experiências e de aprendizagem, bem como na promoção da convivência, no relacionamento e na criação de redes sociais.

Em 1984, Peacock e Talley (cit in United Generations Ontário, 2006) definiram as relações intergeracionais como sendo uma interação planeada de grupos de pessoas com idades diferentes, em diferentes fases da vida e em diferentes contextos. Como vantagens destas relações destacam-se: a comunicação íntima entre os intervenientes, a partilha de sentimentos e de ideias e uma cooperação nas tarefas significativas para os participantes envolvidos. Na concepção dos autores, os programas que levassem a cabo atividades intergeracionais estimulariam o envolvimento dos dois grupos de idades diferentes. As atividades deveriam proporcionar oportunidades de interação para ambos, com vista a nutrir as relações entre todos os participantes. A idade das gerações envolvidas não é especificada. O *Nacional Council on Aging* definiu estes programas como sendo: “actividades ou programas que aumentam a cooperação, interacção ou troca entre duas gerações” (Thorp, 1985, p.3, cit in Kaplan et al., 2006). Também nesta definição não é especificada a idade das gerações envolvidas. Kaplan e colegas (2002) apresentaram uma definição para programação intergeracional, que vai para além da ênfase singular atribuída até então. Definiram programas intergeracionais como sendo “veículos sociais que criam propósito e crescente troca de recursos e aprendizagens entre as gerações mais velhas e mais novas”. Os autores consideram que esta definição permite incluir as políticas sociais e institucionais, as práticas culturais e comunitárias e empreendimentos que promovem o relacionamento intergeracional (Kaplan et al., 2006) Além disso, e ao contrário de outras definições, esta deixa antever o envolvimento de duas gerações específicas: a dos “mais velhos” e a dos “mais novos”, contudo também não delimita idades (p.407).

1.4. Os programas/relações intergeracionais entre crianças e jovens em risco e os adultos mais velhos

Os programas intergeracionais assumem-se como um espaço adequado ao estabelecimento de vários aspetos: trocas entre as gerações, reflexão sobre o processo de envelhecimento, resgate dos aspectos positivos da longevidade, ajuda a afastar dos jovens o medo da velhice; desenvolvimento nas crianças de imagens de identificação e devolução às pessoas idosas dos sonhos, dos objetivos e dos projetos de vida. São inúmeras as possibilidades de atuação em projetos intergeracionais e as alternativas de convívio entre as gerações. Os modelos variam de acordo com a realidade de cada instituição ou comunidade, e deverão sempre adequar-se às necessidades e possibilidades de cada grupo (Intergera, 2004).

Em 1963, com a implementação de “*Foster Grand Parent Program*” introduziu-se o contacto intergeracional na sociedade Norte Americana. Este contacto veio promover o desenvolvimento de diversos tipos de programas: educativos, recreativos e apoio.

Ao longo da revisão da literatura é apresentada referência ao Modelo *Senior-centered* de Dellmann–Jenkins, Lambert e Fruit (1991), cujo objetivo foi estudar o desenho de um programa intergeracional que proporcionasse às crianças interação com as pessoas idosas, com ganhos para ambas as gerações. O Programa Curricular incluía: contacto com a escola e as famílias das pessoas idosas; contacto regular de pessoas idosas com as turmas das crianças e jovens e interação das crianças e jovens com as pessoas idosas mais dependentes. Os resultados deste estudo evidenciaram que as crianças e jovens que participaram em 9 meses de programa estavam mais dispostas a partilhar, ajudar e cooperar com as pessoas idosas. Em relação às pessoas idosas, o estudo demonstrou um aumento de bem-estar por parte das pessoas idosas como resultado da percepção de que as crianças as encaravam como pessoas mais divertidas, interessantes e tolerantes.

Segundo Ivester e King (1977), os estudos realizados indicam que as crianças e os jovens avaliados possuem estereótipos, pois eles consideram a velhice um período de pouca saúde, solidão, resistência à mudança e deficientes capacidades mentais. Os jovens tinham uma atitude predominantemente negativa em relação às pessoas idosas. De forma a alterar a visão das crianças e jovens acerca das pessoas idosas, estes autores recomendam, para além de medir as atitudes, implementar mudanças de atitudes através de programas de intervenção, assim como avaliar os efeitos desses mesmos programas. Como tal, foi conduzido um estudo intitulado “*Impact of a friendly visiting program in attitudes of college students toward the aged*” onde procuraram averiguar os efeitos de visitas de apoio a pessoas idosas residentes numa instituição. Este mesmo estudo, evidenciou uma mudança positiva de atitudes dos mais jovens em

relação às pessoas idosas e ao envelhecimento, assim como uma maior satisfação das pessoas idosas em relação às atividades desenvolvidas.

Já em 1982, Greenblatt levou a cabo o estudo “Adopt – A- Grandchild Program: Improving attitudes of adolescents toward the aged”, cujo principal objetivo foi promover e facilitar o desenvolvimento de atitudes positivas e promover relações significativas entre as pessoas idosas e adolescentes. Através de atividades semanais planeadas e estruturadas, a barreira intergeracional entre jovens e pessoas idosas desvaneceu. Os resultados do programa mostraram que houve uma mudança nas atitudes e sentimentos relativamente às pessoas idosas por parte dos jovens.

Por seu turno Cummings e colaboradores (2003), sugerem que os estudos devem ir além da população geral de crianças em idade escolar, analisando também os resultados dos programas intergeracionais em populações específicas, de crianças e jovens em risco. São crianças e jovens em risco que se encontram em situações mais vulneráveis, de carências económicas, perturbações mentais, baixos habilitações académicas, problemas de comportamento, antecedentes criminais, uso de substâncias e/ou famílias desestruturadas (Ellis & Sowers, 2000; Barker, 1995).

O programa de mentoria “Big Brothers, Big Sisters” apresenta efeitos positivos a longo prazo nas crianças e jovens, como por exemplo ao nível da auto-estima e das competências sociais, assim como: menor probabilidade de consumo de drogas, menor probabilidade de consumo de álcool, menores taxas de abandono escolar, menores taxas de absentismo escolar e menor agressividade. Além destes sucessos, permite ainda melhorias no desempenho escolar, enriquecimento cultural e social e novas experiências às crianças e jovens envolvidos. Apresenta ainda uma redução nos comportamentos antissociais, onde os voluntários providenciam bons modelos, havendo assim, melhorias das relações das crianças/ jovens com a família e com os amigos.

Jarrott (2011) realizou uma meta-análise sobre os programas intergeracionais, refletindo sobre as características destes, e revela que a maioria dos participantes são crianças em idade escolar. Segundo Barten, 1999, existem estudos que dizem respeito a adolescentes de risco com idades entre os 8 e os 18 anos, mas não é referida a percentagem desses estudos. Nas pessoas idosas, consideram-se sobretudo idades superiores a 60 anos.

No que concerne aos contextos, estes são diferenciados, sendo possível encontrar muitos programas intergeracionais aplicados nos locais característicos do público-alvo em questão, como escolas (e.g., George, Whitehouse, & Whitehouse, 2011) e estruturas residências ou centros de dia (e.g., Heiman, Gutheil, & White-Ryan, 2011), o que se assume como facilitador do desenvolvimento das próprias atividades e programas.

Cummings e colaboradores (2003), mencionaram o facto de existirem poucos estudos que demonstrem a eficácia dos programas intergeracionais na mudança de atitudes e outros resultados benéficos, nomeadamente para as crianças em risco. Com a revisão de literatura sobre programas intergeracionais, foi possível apurar que apenas um estudo se concentrou em jovens de risco. Aday, McDuffie e Sims (1993) verificaram resultados positivos de um programa intergeracional com adolescentes Africano-Americanas de risco através de um Programa de Verão. Neste sentido, analisaram o impacto do programa intergeracional nas atitudes das crianças em risco em relação às pessoas idosas, com base no seu desempenho escolar e nos seus comportamentos na escola. Participaram no estudo 81 adolescentes, sendo que 41 participaram em atividades com as pessoas idosas, enquanto as restantes 40 participaram nas atividades curriculares habituais. Verificou-se que os elementos que tinham participado no programa tiveram atitudes significativamente mais positivas em relação às pessoas idosas e melhores notas e comportamentos do que aqueles que não participaram.

Por tudo o exposto até agora, torna-se relevante mencionar e explorar a temática da intergeracionalidade, a afirmar-se por todo o mundo com grande importância, não sendo Portugal exceção.

Vieira (2010) refere o ano Internacional das Pessoas Idosas em 1999 como o marco para o surgimento de iniciativas de educação intergeracional. Teiga (2012), Vieira (2010) e Nunes (2009) fazem referência a projetos intergeracionais importantes em Portugal como o Projeto TIO-Terceira Idade On Line, o Projeto Viver e o Projeto Net@vó. Teiga (2012) indica, em Portugal, a Fundação Calouste Gulbenkian, como sendo a única a financiar projetos intergeracionais, através do Programa de Desenvolvimento Humano Entre Gerações, que pretende, acima de tudo, aprofundar conhecimentos sobre as práticas intergeracionais.

Podemos confirmar que, em Portugal, existem algumas organizações que desenvolvem este tipo de dinâmicas, espera-se, contudo, que, cada vez mais, seja uma prática comum a todas, integrada no dia-a-dia de todas as comunidades, pois cada vez mais se torna uma necessidade, até mesmo para aproximar e integrar os seus clientes.

Mais recentemente, Cunha (2012) e Cunha, Marques e Rodrigues (2012) realizaram um diagnóstico de necessidades, que confirmou a existência de idadismo entre adultos mais velhos e jovens. Como tal, apresentaram uma proposta de um projeto intergeracional, o “Gerações Lx”, com o objetivo de diminuir o idadismo entre jovens e adultos mais velhos e promover um auto-conceito positivo. O Projeto mostrou-se eficaz na diminuição do idadismo entre gerações e no desenvolvimento de relações mais positivas.

Atualmente, da revisão de literatura realizada, não identificámos, no contexto nacional, qualquer programa intergeracional destinado a adultos mais velhos e crianças/jovens em risco.

1.5. O digital e a promoção das práticas intergeracionais

Segundo diversos autores, as últimas duas décadas também viram uma tendência crescente para a inclusão de tecnologias emergentes em espaços domésticos (Bunz, 2012; De Schutter, Brown, & Vandenabeele, 2014). As tecnologias emergentes podem desempenhar um papel vital ao permitir não apenas a comunicação intergeracional (Holladay & Seipke, 2007; Marx, Cohen-Mansfield, Renaudat, Libin, & Thein, 2005), mas também o potenciar das próprias interações intergeracionais, mediadas por jogos e outras aplicações (Chen, Wen, & Xie, 2012; Khoo, Cheok, Nguyen, & Pan, 2008; Kooiman & Sheehan, 2014).

Estas interações entre diferentes gerações podem ser benéficas tanto mútua quanto individualmente; por exemplo, estes podem ter benéficos recíprocos ao romper com alguns estereótipos de idade ou atitudes etnicistas (Harwood, 2007), desenvolver o envolvimento cívico e contribuir para uma sociedade inclusiva, e interligar as necessidades de aprendizagem e lazer de ambas as gerações (Uhlenberg, 2000). Além disso, as interações intergeracionais também podem ser benéficas individualmente, ao influenciar o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças (Denham & Smith, 1989; Tomlin, 1998; Uhlenberg, 2000), proporcionar cuidados a crianças e idosos, formação e contribuição para a sua literacia da informação num contexto digital (Uhlenberg, 2000), ajudar a superar as problemáticas da família (como, por exemplo, o divórcio) (Denham & Smith, 1989), e dar um propósito e sentimento de companheirismo (Tomlin, 1998).

Em 2006, através da Recomendação do Parlamento Europeu e do Conselho da União Europeia, a competência digital foi reconhecida como uma das oito competências essenciais para a aprendizagem ao longo da vida (Comissão das Comunidades Europeias, 2006). Constitui, também, uma prioridade importante para as mais recentes políticas, ações e comunicações da Comissão Europeia (European Commission, 2010a, 2010b) e dos próprios territórios nacionais.

Pode-se definir como competência digital a utilização segura, crítica e criativa das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para alcançar objetivos mais amplos relacionados com o emprego, a educação, o trabalho, o lazer, a inclusão e a participação na sociedade. Esta competência chave está relacionada com muitas habilidades indispensáveis a todos os cidadãos. Já que possibilita a aquisição de outras competências chave, como as línguas estrangeiras, a matemática, o aprender a

aprender, o espírito de iniciativa e empresarial ou a sensibilidade e expressão culturais, é considerada como transversal.

Recentemente, diversos estudos (Fricke, Marley, Morton, & Thomé, 2013; Kaplan, Sanchez, Shelton, & Bradley, 2013) confirmaram que a aprendizagem entre gerações tem um importante potencial, pelo que é necessário continuar a investir e a desenvolver programas de aprendizagem ao longo da vida com as TIC em contexto intergeracional, tornando-os mais atingíveis e possibilitando a todas as pessoas a descoberta dos benefícios da utilização das TIC.

Considera-se, assim, a intergeracionalidade como uma estratégia educativa através da qual se poderá dar resposta aos atuais desafios do envelhecimento, aos baixos níveis de literacia digital entre a população mais velha, bem como ao próprio conflito geracional, criando oportunidades potenciadoras de uma aprendizagem permanente (e recíproca) ao longo da vida.

Capítulo II – Plano de Investigação

1. Estudo preliminar

Numa fase preliminar procedeu-se à preparação dos instrumentos, que serão parte integrante do inventário de recolha de dados no estudo propriamente dito. Assim, teve-se como objetivo a tradução e validação da *Intergenerational Exchanges Attitudes Scale* (IEAS, inserir nome e ano da sua publicação), em profissionais com intervenção em contexto social, crianças e jovens, e adultos mais velhos.

Este instrumento tem por intuito mensurar as atitudes em relação às trocas intergeracionais que ocorrem entre crianças e pessoas idosas. A escala contém 24 itens atitudinais, distribuídos por cinco fatores: (i) relações entre adultos mais velhos e crianças; (ii) perceções das crianças em relação aos adultos mais velhos; (iii) atributos das crianças; (iv) atributos dos adultos mais velhos; e (v) controlo e poder. Os itens são declarações avaliativas que representam atitudes negativas ou positivas sobre as trocas intergeracionais. As categorias de resposta, apresentadas sobre a forma de escala de likert, são pontuações de 5 (concordo plenamente) a 1 (discordo totalmente), sendo que a maior pontuação representa atitudes intergeracionais mais positivas.

Ao longo das últimas décadas, assistiu-se a um aumento do número de estudos transculturais, enquanto reflexo de um meio social marcado pelo contacto entre culturas e línguas e em que testes/questionários apoiam diariamente nos mais diversos contextos (educativo, social, jurídico ou clínico) na tomada de decisões, individuais ou grupais. Estes pretendem assegurar o estudo das mesmas variáveis/construtos, com as mesmas técnicas de avaliação, em povos e culturas diferentes, com línguas diferentes.

O processo de tradução e adaptação de um instrumento assume-se como uma tarefa complexa, que requer planeamento e rigor, na manutenção de conteúdo, características psicométricas e validade para a população a quem se destina.

O processo de validação transcultural de um instrumento envolve a transformação linguística e cultural do instrumento original para ser usado noutros países ou regiões de culturas e línguas diferentes, sem perder as suas propriedades psicométricas originais (Guillemin, Bombardier, & Beaton, 1993; Beaton et al., 2000, 2002, cit. por Stacciarini, 2012).

Esta adaptação pressupõe a combinação de duas etapas interligadas: (i) a tradução do instrumento e (ii) a sua adaptação cultural (equivalências conceituais e linguísticas) e a verificação das propriedades psicométricas do novo instrumento e do estabelecimento de valores normativos para a nova versão em populações relevantes. Segundo Ferreira e Marques (1998) o objetivo deste processo é assegurar a consistência entre a versão original do instrumento e a versão traduzida e adaptada.

Desde 1994, a Comissão Internacional de Testes (*International Test Commission - ITC*), propõe diretrizes (*guidelines*) para a tradução e adaptação de instrumentos de avaliação psicológica entre culturas. As etapas para a tradução e adaptação de um instrumento deverão ser: i) tradução do instrumento para a nova língua (*forward translation*); ii) síntese das versões traduzidas; iii) avaliação da síntese por especialistas (comité de *experts*); iv) avaliação pelo público-alvo; v) tradução reversa / retrotradução (*back translation /backward translation*); e, vi) estudo-piloto (Beaton, Bombardier, Guillemin, & Ferraz, 2000; Borsa et al. 2012; ITC, 2017).

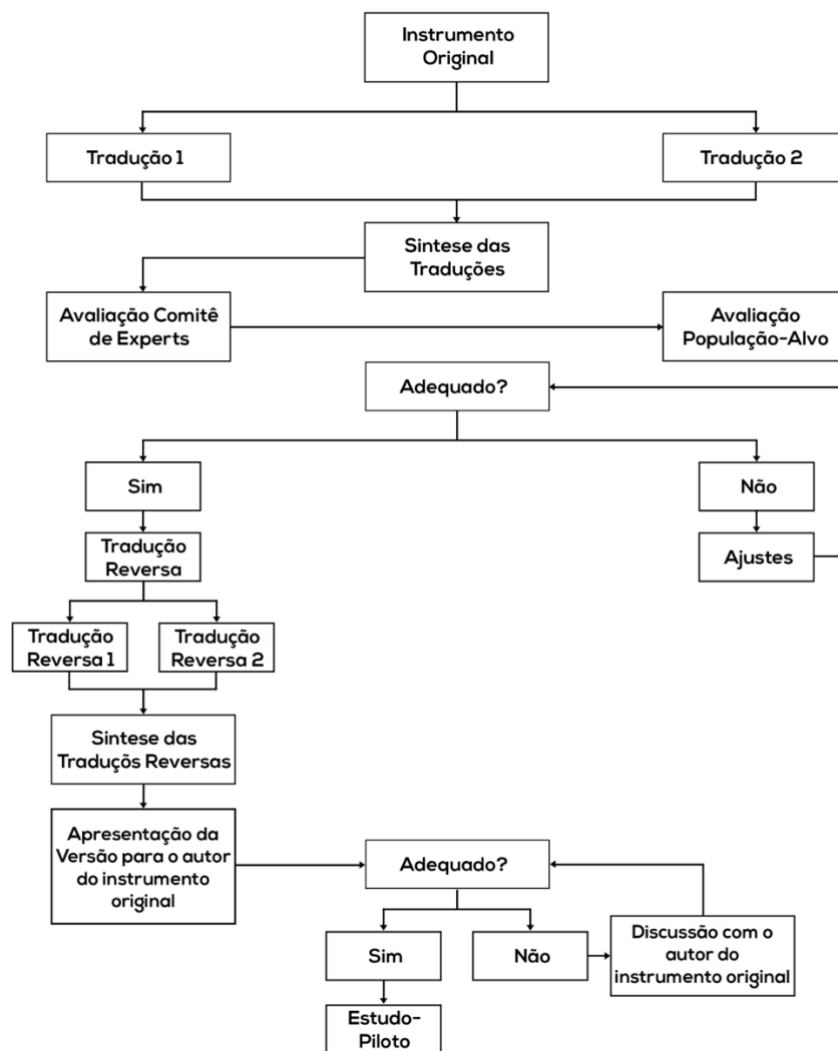


Figura 1. Etapas do processo de tradução e adaptação de instrumentos (ITC, 2017).

1.1. A tradução e adaptação da Intergenerational Exchanges Attitude Scale (IEAS)

1.1.1. Sujeitos: população e amostra

O facto de estudar uma amostra assume-se como mais facilitador que estudar a população (que até pode ser infinita), pois os meios, os recursos e toda a estrutura necessária ao estudo são menores do que se se tivesse que estudar a população inteira.

Segundo Carvalho (2006), população é a coleção de todas as unidades de um tipo específico, definido num determinado espaço e tempo. É o conjunto de todos os valores que descrevem um fenómeno que interessa ao investigador (Pestana & Velosa, 2006). População é o conjunto de objetos, indivíduos (não necessariamente pessoas) ou resultados experimentais, acerca do qual se pretende estudar alguma característica comum.

Após identificada a População sobre a qual se pretende recolher os dados, bem como os instrumentos a utilizar para essa recolha, tem de ser definido um processo de amostragem, adequado ao tipo de dados e ao instrumento de análise, isto é, torna-se necessário que se estabeleça, à partida, um plano de amostragem de acordo com a população-alvo. Amostragem consiste na seleção de uma parte da População a observar, e sobre a qual temos um modo de estimar algo, sobre toda a População (Thompson, 2002). No presente estudo, a amostra corresponde aos adultos mais velhos, crianças e jovens, e profissionais, tendo sido recolhida por conveniência.

A amostra é constituída por 181 sujeitos, profissionais, adultos mais velhos e crianças e jovens, com idades compreendidas entre os 6 e os 92 anos. Outros dados de caracterização da amostra são apresentados seguidamente na tabela 1, nomeadamente a participação em atividades intergeracionais.

Tabela 1. Caracterização dos participantes no processo de validação de construto e validação convergente da EATI

Variáveis	n	%
Profissionais (n= 64)		
<i>Género</i>		
Feminino	47	73%
Masculino	17	27%
<i>Idade (anos)</i>		
23 a 30	12	19%
31 a 38	18	13%
39 a 46	17	27%
47 a 54	13	20%
55 a 57	4	6%

	<i>Escolaridade</i>		
	4.º ano	1	2%
	6.º ano	1	2%
	9.º ano	11	17%
	12.º ano	11	17%
	Licenciatura	21	33%
	Mestrado	17	27%
	Doutoramento	2	3%
	<i>Atividades Intergeracionais</i>		
	Sim	49	77%
	Não	15	23%
Adultos mais velhos (n= 60)			
	<i>Género</i>		
	Feminino	53	88%
	Masculino	7	12%
	<i>Idade (anos)</i>		
	51 a 59	3	5%
	60 a 68	9	15%
	69 a 77	18	30%
	78 a 86	16	27%
	87 a 92	4	7%
	<i>Escolaridade</i>		
	< 4.º ano	22	37%
	4.º ano	15	25%
	6.º ano	6	10%
	9.º ano	6	10%
	12.º ano	5	8%
	Licenciatura	2	3%
	Mestrado	1	2%
	Outro	2	3%
	<i>Atividades Intergeracionais</i>		
	Sim	35	58%
	Não	25	42%
Crianças e jovens (n= 57)			
	<i>Género</i>		
	Feminino	30	53%
	Masculino	27	47%
	<i>Idade (anos)</i>		
	6 a 9	17	30%
	10 a 13	9	16%
	14 a 17	10	18%
	18 a 21	12	21%
	22 a 25	4	7%
	26 a 30	5	9%
	<i>Escolaridade</i>		
	1.º ciclo	22	39%
	2.º ciclo	4	7%
	3.º ciclo	1	2%

Secundário	24	42%
Superior	6	11%
<i>Atividades Intergeracionais</i>		
Sim	35	61%
Não	22	39%

1.1.2. Instrumento

A IEAS foi desenvolvida por Stremmel, Travis e Kelly-Harrison, nos Estados Unidos, com o intuito de mensurar as atitudes em relação às trocas intergeracionais. Contendo 24 itens distribuídos em cinco fatores, a escala comporta: 1) dez itens sobre relações entre adultos mais velhos e crianças (exemplo: “As crianças e os adultos mais velhos são bons companheiros”); 2) quatro itens sobre percepções das crianças em relação aos adultos mais velhos (exemplo: “As crianças pensam que os adultos mais velhos são aborrecidos”); 3) três itens sobre atributos das crianças (exemplo: “As crianças são demasiado egoístas para estarem perto dos adultos mais velhos”); 4) três itens sobre atributos de adultos mais velhos (exemplo: “Os adultos mais velhos não são tolerantes com crianças desleixadas”); 5) três itens sobre controlo e poder (exemplo: “As crianças fazem batota nos jogos com os adultos mais velhos.”).

As respostas são declarações avaliativas de atitudes positivas ou negativas sobre as trocas intergeracionais, em formato Likert que pontuam de 5 (concordo totalmente) a 1 (discordo totalmente) e variam de 24 a 120 pontos. Segundo Stremmel, Travis e Kelly-Harrison (1996), altos scores indicam atitudes mais positivas em relação às trocas intergeracionais.

A IEAS (Stremmel, Travis & Kelly-Harrison, 1996) nunca foi utilizada em Portugal, contudo foi alvo de tradução e adaptação para a população brasileira (Tarallo, 2015), assim considerou-se necessário proceder à sua tradução, adaptação e validação para a população portuguesa, nomeadamente para profissionais com intervenção em contexto socio-educativo, adultos mais velhos e crianças e jovens. No sentido de assegurar as propriedades psicométricas da escala original, este processo dividiu-se em diversas fases.

O primeiro passo na tradução e adaptação de um instrumento é realizar uma revisão das propriedades psicométricas na língua original (Gudmundson, 2009), sendo que a IEAS, na sua versão original, apresenta consistência interna que varia para cada fator, de 0,60 para controle e poder e 0,86 para relações entre adultos mais velhos e crianças. Tendo uma fiabilidade geral ao nível da consistência interna de 0,89 para a escala total (24 itens).

Antes de dar início à adaptação, é necessário obter permissão do titular dos direitos de propriedade intelectual do teste original, respeitando as características originais do teste. Deverá ainda avaliar-se a relevância do construto, verificando se este faz sentido nas culturas de ambos os grupos, minimizando a influência de quaisquer diferenças culturais ou linguísticas nas populações de interesse, que sejam irrelevantes para o teste a adaptar (e.g., formato dos itens, material, limites de tempo) (ITC, 2017).

Assim, numa primeira fase, procedeu-se à adaptação do questionário, traduzindo da língua de origem para a língua-alvo, garantindo-se que este processo considera as diferenças linguísticas, psicológicas e culturais nas populações de interesse. Neste sentido, recorreu-se a dois tradutores independentes, com diferentes qualificações, fluentes/proficientes em ambas as línguas de interesse e familiarizados com as culturas associadas à linguagem dos diferentes grupos. Salieta-se que no campo da compreensão do construto a ser avaliado, um dos tradutores apresentava familiaridade com o construto avaliado e o outro não, tal como recomendado pelo ITC (2017).

Após o processo de tradução do instrumento da língua original para a língua-alvo, face a existência de duas versões do instrumento traduzido, procedeu-se à síntese das versões de ambos os tradutores, através de um terceiro elemento, neste caso, uma especialista em questões do envelhecimento, que comparou as diferentes traduções e avaliou a equivalência semântica, idiomática, experiencial e concetual para com o instrumento original, obtendo assim uma única versão do instrumento conforme descrito no quadro 1.

Foram solicitados os pedidos de autorização para utilização do instrumento aos respetivos autores, tendo-se obtido parecer favorável (Anexo B e C). A utilização da IEAS para fins educativos ou de investigação está autorizada pelos autores da escala, ainda assim, procedeu-se, igualmente, ao pedido de utilização junto da autora responsável por uma tradução e adaptação da mesma à população brasileira.

Quadro 1. Adaptação dos itens originais da IEAS para a cultura portuguesa

Itens / Domínios da Escala	Versão Original (Stremmel, Travis e Kelly-Harrison, 1996)	Síntese da primeira versão em português T1 + T2 = T3	Retrotradução	Versão final culturalmente adaptada para português
Relationships Between Older Adults (OA) and Children (C) / T1 - Relações entre Idosos (I) e Crianças (C)	"OA and C help each other."	Os adultos mais velhos e as crianças ajudam-se uns aos outros.	<i>Older adults and children help each other.</i>	Os adultos mais velhos e as crianças ajudam-se uns aos outros.
	"C and OA have fun together."	As crianças os adultos mais velhos divertem-se juntos.	<i>Children and older adults have fun together.</i>	As crianças e os adultos mais velhos divertem-se juntos.
	"OA and C have warm relationships."	Os adultos mais velhos e as crianças têm	<i>Older adults and children have affectionate relationships.</i>	Os adultos mais velhos e as crianças têm

<i>T2 – Relações entre Adultos mais Velhos e Crianças</i>		relacionamentos afetuosos. As crianças e os adultos mais velhos são bons companheiros. Os adultos mais velhos partilham a sua sabedoria com as crianças. As crianças estimulam os interesses dos adultos mais velhos. Os adultos mais velhos gostam de atividades com crianças. Os adultos mais velhos são sensíveis às necessidades das crianças. Os adultos mais velhos são gentis e amáveis com as crianças. Os adultos mais velhos e as crianças sentem carinho uns pelos outros.		relacionamentos afetuosos. As crianças e os adultos mais velhos são bons companheiros. Os adultos mais velhos partilham a sua sabedoria com as crianças As crianças estimulam os interesses dos adultos mais velhos. Os adultos mais velhos gostam de atividades com crianças. Os adultos mais velhos são sensíveis às necessidades das crianças. Os adultos mais velhos são gentis e amáveis com as crianças. Os adultos mais velhos e as crianças sentem carinho uns pelos outros.
	<i>C and OA make good companions.</i>		<i>Children and older adults are good companions.</i>	
	<i>OA share wisdom with C.</i>		<i>Older adults share their wisdom with children.</i>	
	<i>C stimulate OA' interests.</i>		<i>Children stimulate older adults' interest.</i>	
	<i>OA enjoy activities with C.</i>		<i>Older adults like activities with children.</i>	
	<i>OA are responsive to needs of C.</i>		<i>Older adults are sensitive to the needs of children.</i>	
	<i>OA are gentle and kind to C</i>		<i>Older adults are kind and lovely to children.</i>	
	<i>OA and C feel affection toward one another.</i>		<i>Older adults and children feel affection for each other.</i>	
Children's Perceptions of Older Adults	<i>C think OA are ugly.</i>	As crianças pensam que os adultos mais velhos são feios.	<i>Children think that older adults are ugly.</i>	As crianças pensam que os adultos mais velhos são feios.
<i>T1 - Perceções das Crianças em relação aos Idosos</i>	<i>C think OA are dumb.</i>	As crianças acham que os adultos mais velhos são tolos.	<i>Children think that older adults are fool.</i>	As crianças acham que os adultos mais velhos são tolos.
<i>T2- Perceções das Crianças em relação aos Adultos mais velhos</i>	<i>C feel insecure around OA.</i>	As crianças sentem-se inseguras perto dos adultos mais velhos	<i>Children feel unsafe around older adults.</i>	As crianças sentem-se inseguras perto dos adultos mais velhos
	<i>C think OA are boring.</i>	As crianças pensam que os adultos mais velhos são aborrecidos.	<i>Children think Older Adults are boring.</i>	As crianças pensam que os adultos mais velhos são aborrecidos.
Attributes of Children	<i>C ask too many questions to be around OA.</i>	As crianças fazem demasiadas perguntas para estarem perto dos adultos mais velhos.	<i>Childrens ask too many questions to be closer to Older Adults.</i>	As crianças fazem demasiadas perguntas para estarem perto dos adultos mais velhos.
<i>T1 - Características das Crianças</i>	<i>C are too selfish to be around OA.</i>	As crianças são demasiado egoístas para estarem perto dos adultos mais velhos.	<i>Children are too selfish to be closer to Older Adults.</i>	As crianças são demasiado egoístas para estarem perto dos adultos mais velhos.
<i>T2 – Atributos das crianças</i>	<i>OA have difficulty earning C's respect.</i>	Os adultos mais velhos têm dificuldade em conquistar o respeito das crianças.	<i>Older Adults have difficulties in earning Children's respect.</i>	Os adultos mais velhos têm dificuldade em conquistar o respeito das crianças.
Attributes of Older Adults	<i>OA are nervous around C.</i>	Os adultos mais velhos ficam nervosos perto das crianças.	<i>Older Adults get nervous around Children.</i>	Os adultos mais velhos ficam nervosos perto das crianças.
<i>T1 -Características dos Idosos</i>	<i>C are too active for OA.</i>	As crianças são demasiado agitadas para os adultos mais velhos.	<i>Children are too agitated for OlderAdults.</i>	As crianças são demasiado agitadas para os adultos mais velhos.
<i>T2 – Atributos dos Adultos mais velhos</i>	<i>OA are not tolerant of messy C.</i>	Os adultos mais velhos não são tolerantes com crianças desleixadas.	<i>Older Adults are not tolerant with messy Children.</i>	Os adultos mais velhos não são tolerantes com crianças desleixadas.
	<i>OA are too protective of C.</i>	Os adultos mais velhos protegem	<i>Older Adults protect Children too much.</i>	Os adultos mais velhos protegem

		demasiadamente as crianças.		demasiadamente as crianças.
Power-Control	<i>OA are too lenient when C misbehave.</i>	Os adultos mais velhos são muito brandos quando as crianças se portam mal.	<i>Older Adults are very soft when Children misbehave.</i>	Os adultos mais velhos são muito brandos quando as crianças se portam mal.
<i>T1 - Controlo de poder</i>	<i>C cheat OA at games.</i>	As crianças fazem batota nos jogos com os adultos mais velhos.	<i>Children cheat at games with Older Adults</i>	As crianças fazem batota nos jogos com os adultos mais velhos.
<i>T2 - Controlo e Poder</i>	<i>OA are too frail to be around C.</i>	Os adultos mais velhos são muito frágeis para estarem perto de crianças.	<i>Older Adults are too frail to be around Children.</i>	Os adultos mais velhos são muito frágeis para estarem perto de crianças.

Seguindo as orientações do ITC (2017), procedeu-se à avaliação desta síntese por um grupo de especialistas (experts), no caso concreto duas Docentes do Ensino Superior, uma especialista em geriatria e gerontologia e outra em psicologia, bem como uma licenciada em educação social, nomeadamente no que diz respeito a aspetos ainda não contemplados (estrutura, layout, instruções do instrumento, abrangência e adequação das expressões contidas nos itens). Seguiu-se a avaliação pelo público-alvo (dois adultos mais velhos, duas crianças e jovens, um técnico superior da área social e um técnico da área do ensino). Salienta-se que durante este processo, não foi realizado nenhum procedimento estatístico, mas sim a avaliação da adequação dos itens e da estrutura do instrumento como um todo.

Desta forma, foi ainda levada a cabo a tradução reversa (retrotradução) deste instrumento, bem como, previamente à sua administração, um estudo-piloto numa pequena amostra, 2 sujeitos de cada grupo visado na aplicação do instrumento (crianças/jovens; adultos mais velhos; técnicos), no sentido de refletir as características da população-alvo.

Com a versão final da Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais (EATI), traduzida e culturalmente adaptada, deu-se início à aplicação da mesma, tendo sido solicitadas as autorizações formais para a recolha dos dados, informando do tempo previsto de aplicação, bem como do carácter confidencial, anónimo e voluntário do estudo, junto de instituições e participantes (Anexo D).

Este estudo piloto assume-se como crucial para obter dados para uma primeira análise dos itens do instrumento adaptado que indiquem o sentido dos índices psicométricos mais relevantes, nomeadamente ao nível da análise dos itens, avaliação da fiabilidade e estudos em pequena escala de avaliação da validade.

1.1.3. Procedimentos

Num primeiro momento do trabalho foi solicitada a autorização a um dos autores da Escala, Professor Doutor Andrew J. Stremmel, para a utilização do instrumento

no âmbito deste estudo. Com a autorização concedida, após o processo de tradução e adaptação, avançou-se para a recolha de dados. A mesma foi realizada entre março e junho do corrente ano, através de questionários em suporte papel. Os contactos estabelecidos foram efetuados pessoal e eletronicamente, dirigidos, de modo preferencial, aos diretores técnicos de diversas entidades com intervenção em contexto social na área dos adultos mais velhos e crianças. De salientar que se recorreu primordialmente às entidades com protocolos de estágio da licenciatura em educação social da Escola Superior de Educação de Viseu.

1.1.4. Técnicas de análise de dados

Segundo Fortin (2009) a equivalência psicométrica corresponde à validação propriamente dita do instrumento e refere-se ao grau ou à extensão em que as propriedades psicométricas das versões do mesmo instrumento são semelhantes. Assim, para se avaliarem as qualidades psicométricas de qualquer instrumento de medida é necessário efetuar estudos de fidelidade e validade que, no seu conjunto, indicam o grau de generalização que os resultados poderão alcançar.

Considera-se que um instrumento de medida é fiável quando obtém resultados comparáveis em situações comparáveis (Fortin, 2009). Apesar de existirem várias formas de avaliar a fidelidade dos instrumentos de medida, a consistência interna é considerada a mais relevante, quando se trata de questionários, formulários ou escalas que recolhem informações num único momento (Fortin, 2009). A consistência interna de um instrumento será tanto maior quanto maior for a homogeneidade do conteúdo expresso através dos itens, ou seja os itens individuais ou indicadores da escala devem medir o mesmo construto e serem altamente correlacionadas (Hair *et al.*, 2009).

A análise dados recolhidos através do questionário criado, foi realizada com recurso ao *Statistical Package for the Social Sciences – SPSS* (versão 25.0).

A análise fatorial é com frequência utilizada na determinação das qualidades métricas de escalas de avaliação psicológica, infere acerca das relações dos dados do teste, criando uma matriz de correlações de cada um dos itens com todos os outros, permitindo posteriormente revelar agrupamentos entre os itens e sugerindo o estabelecimento de traços comuns designados “fatores”. Este procedimento possui extrema relevância quando o teste a utilizar, no caso concreto um questionário, possui um conjunto vasto de variáveis.

Depreende-se que o propósito essencial da análise fatorial exploratória será descrever, se possível, a estrutura de dependência entre as variáveis em termos de um número menor de variáveis (não observáveis), ou seja, dos fatores. Ao ser

aplicado este processo estatístico, torna-se possível agrupar as diversas variáveis em fatores comuns a essas mesmas variáveis.

Cada fator é definido e identificado pelos itens que se correlacionam mais fortemente entre si do que com os restantes e que concorrem para um mesmo fator. Todas as variáveis de um dado grupo estão fortemente correlacionadas entre si, mas apresentam correlações relativamente pequenas com variáveis de outro grupo.

Segundo Maroco e Marques (2006), no campo da pesquisa quantitativa, a consistência interna, igualmente designada de fidelidade, é uma forma de medida baseada na correlação entre diferentes itens no mesmo teste e refere a capacidade desta ser consistente. Isto é, quando um instrumento apresenta sempre os mesmos resultados (dados) quando aplicado a públicos-alvo estruturalmente iguais, poderá inferir-se que a medida é fiável, ainda que, de acordo com estes autores, com maior ou menor grau de certeza, porque toda a medida é sujeita a erro.

A estrutura relacional dos itens da Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais (EATI) foi avaliada pela análise fatorial exploratória sobre a matriz das correlações, com extração dos fatores pelo método das componentes principais seguida de uma rotação Varimax (Hair et. al. 2009).

No sentido de proceder à análise da consistência interna dos fatores extraídos, tendo por base o assente na comunidade científica, após validação fatorial, foi calculado o índice de Cronbach, enquanto indicador sobre o qual assenta a análise da fidelidade de instrumentos.

1.1.5. Resultados

Na medida em que se assume como objetivo geral obter a equivalência semântica e cultural entre a Intergenerational Exchanges Attitude Scale (IEAS) e a sua versão portuguesa, a Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais (EATI), as respostas dos profissionais, dos adultos mais velhos, e crianças e jovens foram consideradas em conjunto na análise fatorial.

No sentido de tornar possível o processo de análise fatorial exploratória, anteriormente descrito, assume-se como crucial que a matriz de correlações possua relevância, isto é, seja significativa, de modo a possibilitar resultados e conclusões adjacentes, pelo que os testes que verificam esta necessidade são os de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) e de esfericidade de *Bartlett*, possibilitando aferir acerca da continuidade, ou não da análise fatorial exploratória (Pires et al., 2010).

Maroco (2010) e Pestana e Gageiro (2014), recomendam um valor de KMO superior a 0.60 e um teste de *Bartlett* significativo ($p. < 0.05$), este primeiro requisito verifica-se cumprido, tal como demonstrado no quadro 2, em que a medida de adequação do grupo

de estudo (KMO) possui o valor de 0.83 e é altamente significativa (teste de esfericidade de *Bartlett*; $p = 0.00$).

Quadro 2. Testes de *KMO* e Esfericidade de *Bartlett*

Teste de Adequação de <i>Kaiser-Meyer-Olkin</i>	0.83
Teste de Esfericidade de <i>Bartlett</i>	0.00

Neste sentido, procedeu-se ao método de extração das componentes principais, seguido da rotação dos fatores, para maximização dos *loadings* (pesos fatorais dos itens) altos e, simultaneamente, minimizar os baixos, aumentando assim a clareza e objetividade do processo (Brown, 2006). Segundo Hair *et al.* (2009), a rotação visa ajustar os eixos onde os fatores se inserem para atingir uma solução fatorial mais simples e significativa (Hair *et al.*, 2009). No caso concreto, decidiu-se utilizar o método de rotação Varimax, remetendo para rotações ortogonais, tendo por base a revisão da literatura associada a este instrumento. Simultaneamente, de acordo com Brown (2006) e Kahn (2006), selecionaram-se os seguintes requisitos de determinação dos fatores:

- Extração do número de fatores (5) – embora exista a possibilidade de determinar um número fixo de fatores, tendo por base os pré-estabelecidos pelo processo de validação do instrumento original, optou-se por deixar o *software* escolher o número de fatores;
- Peso fatorial dos itens igual ou superior a 0.40 (*factor loadings* ≥ 0.40);
- Inexistência de itens com pesos fatoriais com alguma relevância (*factor loadings* > 0.30) em mais do que um fator. Sendo que, se tal acontecer e caso a diferença entre estes não seja significativa (*crossloadings* = 0.15), o item deve ser eliminado;
- A percentagem de variância explicada pelos fatores retidos deve ser, no mínimo de 40%.

Assim, foi excluído o item 18 (“*Os adultos mais velhos ficam nervosos perto das crianças*”) por saturar simultaneamente em dois fatores (fator 1 – relações entre adultos mais velhos e crianças; fator 4 – atitudes das crianças e adultos mais velhos), sendo que após retirado, continuam-se a obter resultados satisfatórios que permitem estruturar a escala em cinco fatores que na totalidade explica 56,3% da variância total, com o componente 1 a contribuir com 22,15%, o componente 2 com 16,63%, o componente 3 com 6,76%, o componente 4 a contribuir com 5,69% e, finalmente, o componente com 5 com 5,03% da variância.

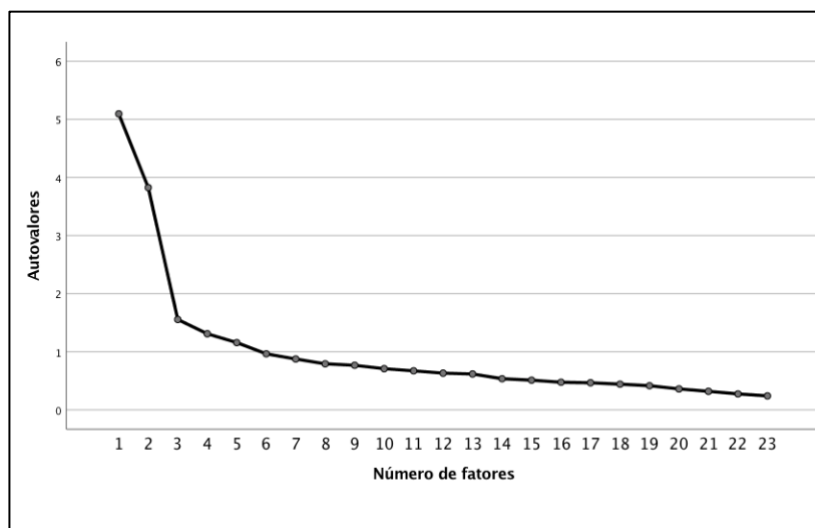


Figura 2. Teste de resíduos (scree test) para o número de fatores da EATI – versão Portuguesa.

Os fatores comuns retidos foram aqueles que apresentavam um autovalor (*eigenvalue*) superior a 1, em consonância com o *Scree Plot* e a percentagem de variância retida, uma vez que de acordo com Maroco (2010) a utilização de um único critério pode levar à retenção de mais ou menos fatores do que aqueles relevantes para descrever a estrutura latente. Para avaliar a validade da análise fatorial exploratória utilizou-se o critério *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO), tendo-se observado um valor de 0.822, considerado um valor bom (Pestana e Gageiro, 2014). O resultado do teste de esfericidade de Bartlett permite também concluir que a matriz de correlações é significativa ($\chi^2_{(253)} = 1358,509$; $p = ,000$), continuam a ser satisfatórios, bem como os valores das comunalidades, pelo que se pode assumir como viável o método de análise fatorial exploratória.

Tabela 2. Estrutura fatorial final e valor de *alpha* de Cronbach

	Componente				
	1	2	3	4	5
Os adultos mais velhos e as crianças ajudam-se uns aos outros. (1)		,658			
As crianças e os adultos mais velhos divertem-se juntos. (2)		,764			
Os adultos mais velhos e as crianças têm relacionamentos afetuosos. (3)		,573			
As crianças e os adultos mais velhos são bons companheiros. (4)		,685			
Os adultos mais velhos partilham a sua sabedoria com as crianças. (5)		,542			
As crianças estimulam os interesses dos adultos mais velhos. (6)	,656				
Os adultos mais velhos gostam de atividades com crianças. (7)	,685				
Os adultos mais velhos são sensíveis às necessidades das crianças. (8)	,646				

Os adultos mais velhos são gentis e amáveis com as crianças. (9)	,622				
Os adultos mais velhos e as crianças sentem carinho uns pelos outros. (10)	,741				
As crianças pensam que os adultos mais velhos são feios. (11)		,733			
As crianças acham que os adultos mais velhos são tolos. (12)		,720			
As crianças sentem-se inseguras perto dos adultos mais velhos. (13)		,779			
As crianças pensam que os adultos mais velhos são aborrecidos. (14)		,568			
As crianças fazem demasiadas perguntas para estarem perto dos adultos mais velhos. (15)		,655			
As crianças são demasiado egoístas para estarem perto dos adultos mais velhos. (16)		,589			
Os adultos mais velhos têm dificuldade em conquistar o respeito das crianças. (17)		,723			
As crianças são demasiado agitadas para os adultos mais velhos. (19)		,570			
Os adultos mais velhos não são tolerantes com crianças desleixadas. (20)		,686			
Os adultos mais velhos protegem demasiadamente as crianças. (21)		,599			
Os adultos mais velhos são muito brandos quando as crianças se portam mal. (22)		,644			
As crianças fazem batota nos jogos com os adultos mais velhos. (23)		,717			
Os adultos mais velhos são muito frágeis para estarem perto de crianças. (24)		,635			
Valores próprios	5,094	3,825	1,555	1,309	1,157
Variância explicada (%)	12,389	12,347	12,225	10,846	8,454
Total			56,262		
Alpha de Cronbach Total			,768		

Nota: O método de extração de fatores utilizado foi a análise de componentes com rotação Varimax

O cálculo do coeficiente de *alpha* de Cronbach para a presente escala revelou um valor de fidelidade bom ($\alpha = 0,77$), indicando uma boa consistência interna do instrumento em análise (Pestana & Gageiro, 2014) (Tabela 2).

De acordo com a análise fatorial exploratória foi possível aferir que a estrutura da escala deve conter apenas 23 itens, distribuídos pelos componentes: Percepções dos adultos mais velhos em relação às crianças; Relações entre adultos mais velhos e crianças; Percepções das crianças em relação aos adultos mais velhos; Atributos das crianças e adultos mais velhos; e, Controlo e poder, conforme descrito no quadro 3 .

Quadro 3. Estrutura fatorial final e valor de *alpha* de Cronbach

Componente	Itens
Percepções dos adultos mais velhos em relação às crianças (PAVC)	6, 7, 8, 9, 10
Relações entre adultos mais velhos e crianças (RAVC)	1, 2, 3, 4, 5
Percepções das crianças em relação aos adultos mais velhos (PCAV)	11, 12, 13, 14, 16
Atributos das crianças e adultos mais velhos (ACAV)	15, 17, 19, 20, 21
Controlo e poder (CP)	22, 23, 24

Assim, após definida a estrutura fatorial da EATI na amostra em estudo, pretendeu-se aferir a consistência interna deste instrumento, concretamente, a sua fiabilidade para uma amostra de respondentes. Como abaixo apresentado, avaliou-se o grau de consistência existente entre as respostas dos sujeitos a cada um dos itens que compõem cada fator, mediante o cálculo dos respetivos coeficientes *alpha* de Cronbach e das correlações inter-item (Tabela 3).

Tabela 3. Correlação inter-item das cinco subescalas apresentadas na versão portuguesa da EATI

	α	N.º Itens	Correlação Inter-item		Correlações Item-total		Média
			Min	Max	Min	Max	Correlações Inter-item
PAVC	,785	5	,225	,493	,523	,614	,426
RAVC	,767	5	,289	,605	,451	,629	,401
PCAV	,787	5	,291	,589	,458	,637	,424
ACAV	,744	5	,281	,470	,464	,566	,368
CP	,641	3	,291	,429	,360	,465	,346

Todos os valores de consistência interna das subescalas situam-se entre aceitável e bons, encontrando-se entre 0,60 e 0,90 (Pestana & Gageiro, 2014), sendo que o valor mais baixo diz respeito à subescala CP, e pode justificar-se mediante o número reduzido de itens que a compõem (Pallant, 2001). Outro indicador positivo acerca da precisão do instrumento verifica-se quando todos os itens de cada subescala apresentam valores de correlação com o valor total do questionário acima dos 0,30 (Field, 2005, cit. por Fonseca e Jordão, 2014). No caso concreto, todas as subescalas cumprem esta condição.

1.1.6. Discussão dos resultados

Atentando nos resultados obtidos, assume-se que a Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais, para a população portuguesa, poderá ser considerada válida, facultando a sua utilização em futuras investigações sobre a temática. Tendo por base Pestana & Gageiro (2014), o instrumento revelou boas propriedades psicométricas no que diz respeito à sua consistência interna ($\alpha = 0,77$), sendo este valor muito semelhante ao encontrado por Stremmel, Travis & Kelly-Harrison (1996) ($\alpha = 0,89$), e por Tarallo (2015) ($\alpha = 0,80$) na sua amostra total.

Foi ainda possível constatar, com a análise fatorial exploratória, que os fatores encontrados explicam uma percentagem considerável de variância (56,3%), bem como a estrutura da escala só deve apresentar 23 itens, distribuídos pelos componentes: Perceções dos adultos mais velhos em relação às crianças;

Relações entre adultos mais velhos e crianças; Percepções das crianças em relação aos adultos mais velhos; Atributos das crianças e adultos mais velhos; e, Controlo e poder.

2. Estudo das Trocas Intergeracionais com Crianças e Jovens em Risco – O uso de uma App

2.1. Apresentação do estudo

Em Portugal, assiste-se a um crescente interesse em atividades intergeracionais, com potencial para ajudar a promover uma sociedade mais inclusiva, tendo em vista, principalmente, a expectativa de envelhecimento da população (Instituto Nacional de Estatística, 2011).

Na literatura nacional e internacional disponível, a produção científica que aborda as relações intergeracionais que ocorrem no âmbito familiar e de equipamentos sociais assume-se como mais significativa, e mostra consideráveis estudos sobre as gerações. Contudo, No que diz respeito a pesquisas sobre atitudes, crenças, mitos e estereótipos dos sujeitos perante outra geração, estas verificam-se em menor número.

As práticas e as experiências intergeracionais, apesar do seu crescente desenvolvimento, ainda são pouco avaliadas e registradas cientificamente, apresentado-se de modo muito pulverizado e tomando contornos de uma expressa demanda académica.

Tendo em vista a reconhecida necessidade de promover as relações intergeracionais e de implementar atividades eficientes que integrem as distintas gerações, torna-se importante reconhecer as atitudes, visando a desconstrução de estereótipos e de preconceitos.

Da revisão da literatura efetuada a nível nacional, ressalta-se a inexistência de um instrumento, validado, que identifique as atitudes dos diversos intervenientes nas atividades intergeracionais (profissionais, adultos mais velhos e crianças) em relação às trocas entre as gerações.

2.1.1. Formulação do problema e definição de objetivos

Qual a relação entre as mudanças de Atitudes de Adultos mais Velhos, Crianças e Jovens, bem como Profissionais em relação às Trocas Intergeracionais.

Atentando na revisão da literatura nesta área, bem como no contexto no qual se pretende ver elaborado um estudo futuro, surge como questão de investigação: Compreender as Atitudes das Crianças e Jovens em Risco em relação às Trocas

Intergeneracionais. Sendo o objetivo geral analisar as Atitudes das Crianças e Jovens em Risco em relação às Trocas Intergeneracionais.

Considerando o objetivo geral e o plano de trabalho, propõem-se os seguintes objetivos específicos de investigação:

- Analisar as diferenças de atitudes em relação às trocas intergeracionais em função de variáveis sociodemográficas;
- Comparar a variação de scores, refletindo estes, atitudes mais ou menos positivas em relação às trocas intergeracionais, considerando a existência de contactos com crianças e jovens, por parte de adultos mais velhos, e de crianças e jovens com adultos mais velhos, bem como o trabalho com grupos, ou atividades, intergeracionais, por parte dos profissionais;
- Caracterizar as atitudes das crianças e jovens em risco em relação às trocas intergeracionais, com recurso a uma App intergeracional, identificando o tipo de contactos, os estereótipos e atitudes de umas gerações em relações às outras.

2.1.2. Formulação de hipóteses

A partir da literatura revista e do problema enunciado, formulam-se as seguintes hipóteses, a serem testadas no estudo a desenvolver:

Hipótese 1 - Na presença da EATI, o grupo de adultos mais velhos que tem convivência com crianças, o grupo de crianças que têm convivência com adultos mais velhos, bem como o grupo de profissionais que trabalham com atividades intergeracionais pontuaram mais alto para atitudes positivas em relação às trocas intergeracionais do que os que não participam/desenvolvem atividades intergeracionais;

Hipótese 2 – Existem diferenças estatisticamente significativas entre a frequência de contacto intergeracional e as atitudes em relação às trocas intergeracionais;

Hipótese 3 – Crianças e jovens em risco que participem em atividades intergeracionais apresentam mais atitudes positivas em relação às trocas intergeracionais do que não participando;

Hipótese 4 – O contacto intergeracional, mediado pelas tecnologias da informação e comunicação (TIC), concretamente uma App, influencia positivamente na diminuição do idadismo entre as crianças e jovens e os adultos mais velhos; e no aumento de sentimentos de bem-estar nas crianças e jovens e adultos mais velhos.

2.2. Metodologia

2.2.1. Definição e operacionalização das variáveis

Coutinho (2013), refere que uma investigação deve ter claramente definidos os conceitos que serão abordados, ou seja, as variáveis a operacionalizar. A variável

é um atributo que reflete ou expressa um conceito ou construto e podendo assumir diferentes valores. Assim, em estudos de carácter quantitativo torna-se importante definir as variáveis a operacionalizar.

No presente estudo, entre as variáveis sociodemográficas estão o sexo (feminino ou masculino), a idade (medida em anos), estado civil, as habilitações escolares, categoria profissional (no que concerne aos técnicos), a existência de contacto com diferentes gerações, e qual a sua frequência, bem como a tipologia de contacto intergeracional estabelecido. As variáveis em estudo serão as atitudes em relação às trocas intergeracionais operacionalizadas através da Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais.

2.2.2. Sujeitos: população e amostra

A população será constituída por profissionais, adultos mais velhos, e crianças e jovens em risco, clientes de instituições sociais na área da infância e juventude do concelho de Viseu. A amostra será recolhida por conveniência (Maroco, 2010) e de acordo com a autorização dos respetivos responsáveis institucionais, encarregados de educação, estando dependente do interesse e adesão dos participantes.

2.2.3. Instrumentos

A recolha dos dados para este estudo será efetuada pelo método do inquérito, com recurso à técnica do questionário autoadministrado. O protocolo de investigação englobará a Escala de atitudes em relação a trocas Intergeracionais (EATI), de tipologia Likert, e alguns dados sociodemográficos que permitam identificar os participantes quanto a diferentes aspetos, nomeadamente sexo, idade, habilitações escolares, frequência e tipologia de contactos com pessoas de outra geração.

Conforme anteriormente referido, a escala a integrar o protocolo de investigação, a EATI, teve em consideração a medição adequada das variáveis em estudo, a utilização de uma versão adaptada à população portuguesa e, à amostra em estudo, além das qualidades psicométricas da mesma (validade e/ou consistência).

2.2.3.1 Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais (EATI)

A EATI, originalmente denominada Intergenerational Exchanges Attitudes Scale, foi criada por Stremmel, Travis & Kelly-Harrison (1996), com o intuito de mensurar as

atitudes em relação às trocas intergeracionais que ocorrem entre crianças e adultos mais velhos.

No presente trabalho de investigação procedeu-se à tradução, adaptação e validação desta escala para a população portuguesa, tal como anteriormente descrito no ponto 1 do capítulo II.

A estrutura da escala apresenta 24 itens, distribuídos por cinco fatores: relações entre adultos mais velhos e crianças; perceções das crianças em relação aos adultos mais velhos; atributos das crianças; atributos dos adultos mais velhos; e controlo e poder. Os itens são avaliados através de uma escala de tipo Likert de 5 pontos em que: 1 = Discordo totalmente, 2 = Discordo, 3 = Nem concordo, nem discordo, 4 = Concordo e 5 = Concordo totalmente.

2.2.4. Procedimentos

Foram solicitados os pedidos de autorização para utilização do instrumento aos respetivos autores, tendo-se obtido parecer favorável. A utilização da EATI para fins educativos ou de investigação está autorizada pelos autores da escala, ainda assim, procedeu-se, igualmente, ao pedido de utilização junto da autora responsável por uma tradução e adaptação da mesma à população brasileira.

Posteriormente, deverão ser solicitadas as autorizações formais para a recolha dos dados, informando do tempo previsto de aplicação, bem como do carácter confidencial, anónimo e voluntário do estudo, junto de instituições e participantes.

Neste estudo pretende recorrer-se à APP, desenvolvida no âmbito do Projeto VIAS|Viseu InterAge Stories. Este desenvolveu e avaliou uma aplicação colaborativa promotora do encontro entre gerações, bem como da prática de estilos de vida saudável, recorrendo a tecnologias comuns do dia-a-dia, como smartphones e tablets, e tendo como cenário de exploração a cidade de Viseu.

De entre as atividades levadas a cabo pelo VIAS destaca-se o design e teste de atividades Intergeracionais, materializadas sob a forma de workshops. O desenvolvimento de uma atividade intergeracional significará sempre falar em espaços de diálogo e de troca de experiências entre gerações que favoreçam o enriquecimento mútuo. As crianças e os jovens beneficiam desta prática, descobrindo as várias fases da vida, superando estereótipos e desenvolvendo uma sensibilidade mais forte em relação a valores e respeito.

2.2.5. Técnicas de análise de dados

No que concerne á análise e tratamento dos dados serão efetuados com o programa informático *SPSS (Statistical Package for Social Sciences)* para macOS, versão 25.0 e deverá assumir-se um nível de significância de $p \leq ,05$, ou seja, um intervalo de confiança de 95%, dado tratar-se do valor de referência na investigação em ciências sociais e humanas (Maroco, 2010).

Serão utilizadas técnicas estatísticas descritivas (média, desvio padrão, mínimo e máximo) e inferenciais, ajustadas à natureza dos dados e características das variáveis e da amostra.

No que concerne ao estudo da normalidade das distribuições, referente às variáveis quantitativas, será realizado pelo teste de Kolmogorov-Smirnov, pois prevê-se uma grande amostra ($n > 50$) (Maroco, 2010). Tendo por base Pallant (2001), as variáveis com nível de significância igual ou inferior a 5% ($p \leq ,05$) serão consideradas com distribuição não-normal; enquanto que, as variáveis com nível de significância superior a 5% ($p > ,05$) serão consideradas com distribuição normal.

Considerando as variáveis com distribuição normal, a homogeneidade das variâncias será verificada através do teste de Levene (se $p > ,05$ as variâncias são homogéneas; se $p < ,05$ as variâncias são não-homogéneas) (Pallant, 2001).

Em consonância com a distribuição da normalidade verificada, serão deste modo selecionados os testes a aplicar. Se a distribuição for normal serão utilizados testes paramétricos; e, se se verificar uma distribuição não-normal das variáveis recorrer-se-á a testes não paramétricos.

Através do coeficiente de correlação de Pearson, ou pelo coeficiente de correlação de Spearman, será calculada a correlação entre as variáveis em estudo (Pallant, 2001).

No que concerne a dados qualitativos, nomeadamente a tipologia e categorização dos contactos intergeracionais estabelecidos, recorrer-se-á ao software NVivo (versão 11.4.3 para Mac).

2.3. Resultados esperados

Tendo por base a revisão da literatura e as hipóteses colocadas, e face a inexistência em território português de um instrumento que avalie as atitudes em relação às trocas intergeracionais, como a *Intergenerational Exchanges Attitude Scale*, os resultados previstos são projetados considerando as relações intergeracionais numa lógica mais abrangente, apreciando, preferencialmente, estudos realizados com recurso à utilização da EATI.

Considerando que existem instrumentos que medem atitudes em relação à velhice, tanto por parte dos próprios adultos mais velhos, como das crianças e jovens, porém, no que se refere à relação que as diferentes gerações estabelecem e, de modo mais específico, a relação entre crianças e adultos mais velhos, há uma lacuna na investigação da intergeracionalidade, esperando-se assim, validar um instrumento que avalie as atitudes em relação às trocas intergeracionais.

Tal como descrito por Tarallo, Neri e Cachioni (2016) espera-se que a escala sofra alterações orientadas à sua adaptação cultural. As respostas apresentadas devem manter-se declarações avaliativas de atitudes positivas ou negativas sobre as trocas que ocorrem entre crianças e idosos, na presença de escalas de Likert de cinco pontos.

Espera-se obter uma alta consistência interna da versão traduzida e adaptada da EATI, sendo que no estudo original apresentou alta consistência interna para o total da escala com coeficiente alfa de 0,89. Para o fator controle e poder o coeficiente alfa foi de 0,60 e para o fator relação entre adultos mais velhos e crianças o coeficiente alfa foi de 0,86 (Stremmel, Travis, & Kelly-Harrison, 1996). Na sua adaptação Brasileira, a EATI apresentou boa confiabilidade interna ($\alpha=0,80$) e foram obtidos três fatores: Percepções sobre atitudes de crianças em relação a idosos ($\alpha=0,79$); Percepções sobre atitudes de idosos em relação às crianças ($\alpha=0,73$); Percepções sobre a interação entre crianças e idosos ($\alpha=0,80$) (Tarallo, Neri, & Cachioni, 2016).

No que diz respeito às atividades intergeracionais, nomeadamente com recurso à utilização de uma App, espera-se obter resultados mais positivos ao nível das atitudes, medidas com recurso à EATI. O estudo realizado por Morita e Kobayashi (2013) teve como objetivo comparar as mudanças na atitude, na atenção visual, na expressão facial e na conversa entre as gerações promovidas por um programa que envolvia idosos e crianças. Os participantes foram divididos em dois grupos com base no seu estilo de interação: atividade baseada no desempenho (crianças cantavam e dançavam para os idosos) e atividade intergeracional conjunta (idosos e crianças jogavam juntos). Foi aplicada a versão japonesa da *Intergenerational Exchanges Attitude Scale*, sendo a confiabilidade estabelecida com base no coeficiente kappa (0,60 ~ 0,90). Constatou-se que a atenção visual entre as gerações foi significativamente maior no grupo de atividade baseada no desempenho do que no grupo de atividade intergeracional conjunta. Por outro lado, as atitudes, o comportamento construtivo e a conversa entre as gerações foram significativamente mais positivos no grupo de atividade intergeracional conjunta quando comparadas com atividades intergeracionais baseadas na demonstração de habilidades de uma geração para a outra. Em síntese, os programas intergeracionais aproximam as diferentes gerações e tendem a promover atitudes mais positivas sobre o outro.

Ainda ao nível das atitudes em relação às trocas intergeracionais, espera-se que estas sejam mais positivas em profissionais, adultos mais velhos e crianças/jovens que desenvolvem/participam em atividades desse caráter, quando comparados com os que não se encontram envolvidos em ações intergeracionais. Tal como possível aferir em outra pesquisa que utilizou a IEAS, realizada por Jarrot e colaboradores (2011) e teve por objetivo avaliar a sua eficácia no fortalecimento da comunidade intergeracional, considerando o desempenho e as atitudes em relação à intergeracionalidade.

Espera-se que a experiência com programas intergeracionais promova atitudes mais positivas em relação às trocas entre crianças e adultos mais velhos (Jarrot et al., 2011), nomeadamente no que diz respeito às crianças e jovens em risco.

No que concerne às atividades intergeracionais prevê-se em concordância com a literatura, que estas não se encontrem ainda muito incrementadas nas instituições participantes na investigação. O estudo realizado por Travis, Stremmel e Kelly-Harrison (1997), com administradores de centros-dia para idosos e administradores de creches infantis, também utilizou a IEAS, a pesquisa notou que a programação das instituições tinham menos atividades intergeracionais do que se esperava encontrar inicialmente.

CONCLUSÕES

As atitudes podem influenciar o estabelecer das relações intergeracionais. Assim, a educação para, e sobre o envelhecimento, através do desenvolvimento de atividades intergeracionais, assume-se como imprescindível para a promoção de atitudes positivas sobre a outra geração e sobre as trocas intergeracionais instituídas.

Compreender a multidimensionalidade das atitudes provenientes dos contactos e trocas entre diferentes gerações, condição sine qua nom para o estabelecimento da cooperação intergeracional.

O presente estudo projetou-se consistir em duas etapas. A primeira parte referente à validação semântica e cultural da *Intergenerational Exchanges Attitude Scale*, para a língua portuguesa, mostrando-se esta adequada e adaptada à população portuguesa, nomeando-se Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais (EATI). A segunda etapa do estudo incidiu sobre a obtenção de evidências de validade de construto, bem como a proposta de uma ação futura, sob a forma de projeto de investigação, com o principal objetivo de descrever e comparar o comportamento de um grupo de crianças e jovens em risco, um grupo de adultos mais velhos e de um grupo de profissionais na presença da EATI, considerando-se as variáveis convivência com crianças e jovens, por parte dos adultos mais velhos, convivência com adultos mais velhos, por parte das crianças e jovens, e o trabalho com grupos intergeracionais ou só com uma das gerações, por parte dos profissionais.

As atitudes podem influenciar o estabelecimento das relações intergeracionais. Deste modo, a educação sobre o processo de envelhecimento, através do desenvolvimento de atividades intergeracionais, é imprescindível para a promoção de atitudes positivas sobre a outra geração e sobre as trocas intergeracionais instituídas.

Compreender a multidimensionalidade das atitudes provenientes do intercâmbio entre diferentes gerações é fundamental para o estabelecimento da cooperação intergeracional. Um planeamento de atividades intergeracionais adequado exige a prévia identificação de atitudes em relação às trocas que ocorrem entre as diferentes gerações.

Face a importância de mensurar as atitudes em relação a trocas intergeracionais e da inexistência de um instrumento português específico que avalie as atitudes para com as práticas intergeracionais, assumiu-se como pertinente a validação da *Intergenerational Exchanges Attitude Scale* para a população portuguesa.

Deste modo, para mensurar as atitudes em relação às trocas que ocorrem entre crianças e adultos mais velhos, bem como profissionais diretamente envolvidos com esta população, pode-se utilizar a Escala de Atitudes em relação às Trocas

Intergeracionais, adaptada e validada para a população portuguesa.

Qualquer prática intergeracional baseia-se no princípio de que todas as gerações de participantes obtêm algum benefício. Trabalhando juntos, os dois grupos etários asseguram que competências tradicionais, memórias e factos patrimoniais, importantes, são mantidos e transmitidos para as futuras gerações.

No sentido de facilitar interações entre adultos mais velhos e crianças/jovens, nos Workshops dinamizados com recurso à APP VIAS, a utilização de recursos digitais assumiu-se como benéfica para ambas as gerações. Sendo que além dos benefícios a nível cognitivo, comunicacional, social e físico, estas ferramentas têm um valor mútuo para ambas as gerações, destruindo estereótipos, e provavelmente reduzindo o fosso geracional entre ambos.

Assim, no sentido de avaliar a mudança de atitudes em relação às trocas intergeracionais junto de crianças e jovens em risco, e adultos mais velhos, propõe-se o desenvolvimento futuro de Workshops VIAS com crianças e jovens integrados em resposta de Lar de Infância e Juventude.

Em cenários reais de reminiscências intergeracionais, conectadas a locais icónicos da cidade de Viseu, promover-se-á, ao longo dos workshops, a criação de material gráfico e áudio representando significados e experiências deste espaço para diferentes gerações. A avaliação do impacto destas atividades, não apenas nos participantes dos workshops, mas também nos profissionais envolvidos nos mesmos, será instrumentalizado através da aplicação da Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais (EATI). Pretendendo-se verificar não apenas de que forma a Intergeracionalidade entre as crianças/jovens em risco e os adultos mais velhos, influenciam o idadismo entre estas gerações, mas também a próprio impacto destas práticas intergeracionais no desenvolvimento do sentimento de suporte social.

Mediante o estudo desenvolvido, reconhece-se nesta dissertação a necessidade de que novas pesquisas sejam realizadas a fim de investigar atitudes e meta- atitudes em relação às trocas intergeracionais com diversos profissionais, em outros contextos e locais e, ainda, que a amostra seja estratificada de acordo com o tipo e duração das atividades Intergeracionais desenvolvidas. Assume-se ainda como importante a realização de estudos de investigação-ação, no sentido de verificar possíveis alterações nas atitudes em relação a trocas ocorridas entre crianças e adultos mais velhos quando atividades intergeracionais são levadas a cabo, nomeadamente quando mediadas pelo uso das TIC.

BIBLIOGRAFIA

- Aday, R., McDuffie, W., & Sims, C. (1993). Impact of an intergenerational program on black adolescents attitudes toward the elderly. *Educational Gerontology*, 19 (7), 663 – 673.
- Al Mahmud, A., Mubin, O., Shahid, S., & Martens, J. B. (2010). Designing Social Games for Children and Older Adults: Two Related Case Studies. *Entertainment Computing*, 1(3-4), 147-156.
- Alves, A. (2018). *Perceção de Stresse, Burnout e Autocuidado: Um olhar sobre os Profissionais do Trabalho Social*. Lisboa: Editorial Cáritas.
- Arenilla, L., Gossot, B., Roussel, M., & Rolland, M. (2013). *Dicionário da pedagogia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Barker, R. L. (1995). *The social work dictionary* (3rd ed.). Washington, DC: NASW Press.
- Beaton, D. E., Bombardier, C., Guillemin, F., & Ferraz, M. B. (2000). Guidelines for the process of cross-cultural adaptation of self-report measures. *Spine*, 25(24), 3186-3191. Retirado de <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download;jsessionid=DD5AF47B40ED075FA02433D51D455102?doi=10.1.1.618.1464&rep=rep1&type=pdf>
- Beltrão, L., & Nascimento, H. (2000) *O desafio da cidadania na escola*. Lisboa: Editorial Presença.
- Bengtson, V. & Oyama, P. (2007). *Intergenerational solidarity: strengthening economic and social ties*. New York: United Nations. Obtido de https://www.un.org/esa/socdev/unyin/documents/egm_unhq_oct07_bengtson.pdf.
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: Algumas considerações. *Paidéia*, 22(53), 423-432. doi:10.1590/1982-43272253201314
- Bravo, A., & Fernández del Valle, J. (2003). Las redes de apoyo social de los adolescentes acogidos en residencias de protección. Un análisis comparativo con población normativa. *Psicothema*, 15(1), 136-152.
- Bronfenbrenner, U. (1990). Discovering what families do. Em D. Blankenhorn, S. Bayme & J. B. Elshtain (Orgs.), *Rebuilding the nest* (pp. 27- 39). Wisconsin: Family Service America.
- Brown, T. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. New York: The Guilford Press.
- Bunz, U. (2012). Revisited: Communication Media Use in the Grandparent/Grandchild Relationship. *The Journal of Community Informatics*, 8(1). Retirado de <http://ci-journal.net/index.php/ciej/article/view/755>
- Butler, R.N. (1969). Age-ism: Another form of bigotry. *Gerontologist*, 9, 243–246

- Calheiros, M. M. (2006). *A construção social do mau trato e negligência: do senso-comum ao conhecimento científico*. Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia. Imprensa de Coimbra Lda.
- Chen, Y., Wen, J., & Xie, B. (2013). The role of social networking games in maintaining intergenerational communications for older adults. In J. Field, R. Burke, & C. Cooper (Eds.), *The Sage handbook of aging, work and society* (pp. 401-415). London: Sage Publications Ltd.
- Comissão Europeia (2017). *Relatório relativo a Portugal 2017 que inclui uma apreciação aprofundada sobre a prevenção e a correção de desequilíbrios macroeconómicos que acompanha o documento* (DOCUMENTO DE TRABALHO DOS SERVIÇOS DA COMISSÃO No. SWD(2017) 87 final; p. 80). Obtido de Comissão Europeia website: <https://ec.europa.eu/info/sites/info/files/2017-european-semester-country-report-portugal-pt.pdf>
- Coutinho, C. (2013) *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas - teoria e prática*. Coimbra: Almedina.
- Cummings, S. M., Williams, M. M., & Ellis, R. A. (2002). Impact of an Intergenerational Program on 4th Graders' Attitudes Toward Elders and School Behaviors. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 6(3), 91–107. https://doi.org/10.1300/J137v06n03_06
- Departamento de Desenvolvimento Social (2018). *Casa 2017 Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens*. Lisboa: Instituto da Segurança Social, I.P. Obtido de http://www.seg-social.pt/documents/10152/16000247/Relatorio_CASA_2017/537a3a78-6992-4f9d-b7a7-5b71eb6c41d9
- De Schutter, B., Brown, J. A., & Vandenabeele, V. (2014). The domestication of digital games in the lives of older adults. *New Media & Society*, 17(7), 1170–1186. <https://doi.org/10.1177/1461444814522945>.
- Decreto de Lei nº 147/99 de 9 de setembro – Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo. *Diário da República nº 204/99 – I Série A*.
- Dellmann-Jenkins, M. (1997). A senior-Centered Model of Intergenerational Programming With Young Children. *Journal of Applied Gerontology*, 16, 495.
- Dellmann-Jenkins, M., Lambert, D. & Fruit, D. (1991). Fostering Preschoolers prosocial behaviour toward the elderly: the effect of an intergenerational program. *Educational Gerontology*, 17, 21-32.
- Denham, T. E., & Smith, C. W. (1989). The influence of grandparents on grandchildren: A review of the literature and resources. *Family Relations*, 38, 345–350. doi:10.2307/585064
- Derboven, J., Van Gils, M., & De Grooff, D. (2012). Designing for collaboration: A study in

- intergenerational social game design. *Universal Access in the Information Society*, 11(1), 57–65. doi:10.1007/s10209-011-0233-
- Dickson, K., Emerson, E., & Hatton, C. (2005). Self-reported anti-social behavior: Prevalence and risk factors amongst adolescents with and without intellectual disability. *Journal of Intellectual Disability Research*, 49 (11), 820-826.
- Ellis, R. & Sowers, K. M. (2000). *Juvenile justice practice*. Pacific Grove, CA: Brooks/Cole.
- European Commission (2015). *People in the EU: who are we and how do we live?* Brussels: European Union.
- European Commission (2010a). *A Digital Agenda for Europe*. Brussels: European Commission.
- European Commission (2010b). *Europe 2020 A strategy for smart, sustainable and inclusive growth*. Brussels: European Commission.
- Ferreira, P. & Marques, F. (1998). *Avaliação psicométrica e adaptação cultural e linguística de instrumentos de medição em saúde: Princípios metodológicos gerais*. Centro de Estudos e Investigação em Saúde da Universidade de Coimbra.
- Ferreira, P. (2011). Envelhecimento activo e relações intergeracionais. *XV Congresso Brasileiro de Sociologia*, 1-18.
- Fonseca, A. (2004). Crianças e jovens em risco: análise de algumas questões atuais. In M. Silva, A. Fonseca, L. Alcoforado, M. Vilar, & C. Vieira, *Crianças e jovens em risco. Da investigação à intervenção* (pp. 11-36). Centro de Psicopedagogia de Coimbra. Almedina.
- Fonseca, S. & Jordão, F. (2014). Adaptação e validação da Eustress-Scale para professores portugueses. *Psychologica*, 57(1), 95-114.
- Fortin, M. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Loures: Ed. Lusodidacta.
- Fricke, A., Maureen, M., Morton, A. & Thomé, J. (2013). *The Mix@ges Experience: How to Promote Intergenerational Bonding through Creative Digital Media*. Publication of the European Grundtvig multilateral project number: 518625-LLP-1-2011-1-DE-GRUNDTVIG-GMP.
- Fundação Francisco Manuel dos Santos (2018). *Retrato dos Homens e das Mulheres: PORDATA*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- George, D., Whitehouse, C., & Whitehouse, P. (2011). A Model of Intergenerativity: How the Intergenerational School is Bringing the Generations Together to Foster Collective Wisdom and Community Health. *Journal of Intergenerational Relationships*, 9(4), 389-404. Petrópolis: Editora Vozes.
- Gomes, C., Ferreira, S., Gouveia, T., Rito, P., Morais N. & Sousa, B. (2018). Intergenerational Participatory Design: contributions to the development of an App. *International*

- Symposium on Computers in Education (SIIE)*, Jerez, pp. 1-6. doi: 10.1109/SIIE.2018.8586739
- Greenblatt, F. (1982). Adopt – A – Grand Child Program: improving attitudes of adolescents toward the aged. *Activities, adaptation and aging*, 3(1), 21-25.
- Gudmundsson, E. (2009). Guidelines for translating and adapting psychological instruments. *Nordic Psychology*, 61(2), 29-45. doi:10.1027/1901-2276.61.2.29
- Hagestad, G. & Uhlenberg, P. (2005). The social separation of old and young: a root of ageism. *Journal of Social Issues*, 61(2), 343-360.
- Hair, J., Black, W., Babin, B., Anderson, R. & Tatham, R. (2009). *Multivariate data analysis* (7a ed.). New Jersey: Pearson Educational, Inc.
- Harwood, J. (2007). *Understanding communication and aging: Developing knowledge and awareness*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications Ltd.
- Heiman, J., Gutheil, I., & White-Ryan, L. (2011). Preschool children's attitudes toward older adults: comparison of intergenerational and traditional day care. *Journal of Intergenerational Relationships*, 9(4), 435-444
- Holladay, S. J., & Seipke, H. L. (2007). Communication between grandparents and grandchildren in geographically separated relationships. *Communication Studies*, 58(3), 281–297. doi:10.1080/10510970701518371
- Instituto de Segurança Social, I.P. (2006). *Gestão de qualidade das respostas sociais – Lar de Infância e Juventude*. Lisboa: Instituto de Segurança Social, I.P.
- Instituto Nacional de Estatística, I. P. (INE). (2011). *Censos 2011: Resultados provisórios*. Lisboa, Portugal: INE.
- Intergera (2004). *Programa de Estudos, Eventos e Pesquisas Intergeracionais*. Área Temática de Direitos Humanos. Actas do 2o Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte
- International Test Commission [ITC] (2017). *The ITC Guidelines for Translating and Adapting Tests* (Second Edition). [www.InTestCom.org]
- Ivester, L., & King, K. (1977). Attitudes of Adolescents toward the aged. *The Gerontologist*, 17, 85-89.
- Jarrot SE, Morris MM, Burnett AJ, Stauffer D, Stremmel A, Gigliotti CM. (2011). Creating Community Capacity at a Shared Site Intergenerational Program: “Like a Barefoot Climb Up a Mountain”. *Journal of Intergenerational Relationships*, 9(4),418-434.
- Jarrott, S. (2011). Where have we been and where are we going? Content analysis of evaluation research of Intergenerational Programs. *Journal of Intergenerational*, 9, 37-52
- Kahn, J. (2006). Factor analysis in counseling psychology - Research, training, and practice: Principles, advances and applications. *The Counseling Psychologist*, 34 (5), 684-718. doi: 10.1177/00110 00006286347.

- Kaplan, M., Liu, S. & Hannon, P. (2006). Intergenerational Engagement in Retirement Communities: A Case Study of a Community Capacity-Building Model. *Journal of Applied Gerontology*, 25(5), 406-426.
- Kaplan, M., Sanchez, M., Shelton, C. & Bradley, L. (2013). *Using Technology to Connect Generations*. University Park, PA: Penn State University & Washington D.C.: Generations United.
- Khoo, E. T., Cheok, A. D., Nguyen, T. H., & Pan, Z. (2008). Age invaders: Social and physical inter-generational mixed reality family entertainment. *Virtual Reality*, 12(1), 3–16. doi:10.1007/s10055-008-0083-0
- Knipscheer, C. P. M. (1988). Temporal embeddedness and aging within the multigenerational family: the case of grandparenting. In J. E. Birren & V. Bengtson (Eds.), *Emergent theories of aging* (pp. 427–446). Nova Iorque: Springer.
- Kohli, M. L. (1988). Social organization and subjective construction of the life course. In A. B. Sorensen, F. E. Weiner, & L. R. Sherrod (Eds.), *Human development and the life cycle* (pp. 271-292). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Kooiman, B. J., & Sheehan, D. P. (2014). Intergenerational remote exergaming with family and friends for health and leisure. *Journal of Intergenerational Relationships*, 12(4), 413–424. doi:10.1080/15350770.2014.962442
- Kwong See, S. T., & Heller, R. B. (2004). Judging Older Target's Discourse: How do Age Stereotypes Influence Evaluations?. *Experimental Aging Research*, 30(1), 63-73.
- Kwong See, S. T., Hoffman, H. G., & Wood, T. L. (2001). Perceptions of an old female eyewitness: Is the older eyewitness believable?. *Psychology And Aging*, 16(2), 346-350.
- Lima, M. & Marques, S. & Batista, M. (2011). *Idadismo na Europa. Uma abordagem psicossociológica com o foco no caso Português: Relatório II*. Lisboa: Centro de Investigação e Intervenção Social. Instituto Universitário de Lisboa. Instituto do Envelhecimento.
- Maroco, J. (2010). *Análise estatística. Com utilização do SPSS (3ª Ed.)*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- Marques, S. (2011). *Discriminação da Terceira Idade*. Coleção de Ensaios da Fundação
- Marques, S., Vauclair, C. M., Rodrigues, R., Mendonça, J., Gerardo, F., Cunha, F., Sena, C., & Leitão, E. (2014). *imAGES: intervention program to prevent ageism in children*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa & LEYA.
- Marx, M. S., Cohen-Mansfield, J., Renaudat, K., Libin, A., & Thein, K. (2005). Technology-mediated versus face-to-face intergenerational programming. *Journal of Intergenerational Relationships*, 3(3), 101–118. doi:10.1300/J194v03n03_07

- Mendonça, J., Marques, S. & Abrams, D. (2018). *Children's Attitudes toward Older People: Current and Future Directions*. doi:10.1007/978-3-319-73820-8_30.
- Mesch, G. S. (2006). Family characteristics and intergenerational conflicts over the Internet. *Information, Communication & Society*, 9(4), 473–495. doi:10.1080/13691180600858705
- Morita, K. & Kobayashi, M. (2013). Interactive programs with preschool children bring smiles and conversation to older adults: Time-sampling study. *BMC geriatrics*. 13. 111. 10.1186/1471-2318-13-111.
- Nelson, T.D. (2002). *Ageism: Stereotyping and prejudice against older persons*. Cambridge, MA US: The MIT Press.
- Nunes, L. (2009). *Promoção do bem-estar subjectivo dos idosos através da intergeracionalidade*. (Dissertação de Mestrado). Obtido de <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/11787>
- Nunes, M. (2010). *Auto-conceito e suporte social em adolescentes em acolhimento institucional* (Dissertação de Mestrado). Obtido de <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/2791>
- Pallant, J. (2001). *SPSS Survival Manual*. Buckingham: Open University Press.
- Pereira, J., Lopes, M. & Rodrigues, T. (2013). *Animação Sociocultural, Gerontologia e Geriatria: A intervenção social, cultural e educativa na terceira idade*. Chaves: Intervenção.
- Pereira, P., & Santos, A. (2011). Conceptualização de situações de mau trato. Da lei de protecção à avaliação psicossocial. Em Calheiros, M., Garrido, M. & Santos, S. *Crianças em risco e perigo. Contextos, investigação e intervenção* (Vol.1, pp.15-31). Lisboa: Edições Sílabo.
- Pestana, D., & Velosa, S. (2006). *Introdução à Probabilidade e à Estatística* (V. 1, 2ª ed). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pestana, M., & Gageiro, J. (2014). *Análise de dados para ciências sociais* (6a ed. rev.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Pires, A., Cid, L., Borrego, C., Alves, J. & Silva, C. (2010). Validação preliminar de um questionário para avaliar as necessidades psicológicas básicas em Educação Física. *Motricidade*, 6 (1), 33- 51. Acedido de <http://revistas.rcaap.pt/motricidade/article/view/157/144>.
- Projeto VIAS | ViseuInterAgeStories. (sem data). Obtido 3 de Fevereiro de 2019, de <http://vias.esev.ipv.pt/indexVias.php>
- Recomendação do Parlamento Europeu e do Conselho de 18 de Dezembro de 2006 sobre as competências essenciais para a aprendizagem ao longo da vida (2006/962/CE). *Jornal Oficial da União Europeia*. Bruxelas: Parlamento Europeu e Conselho da União Europeia.

- Rede Europeia Anti-Pobreza, Portugal (2017). *Poverty Watch PORTUGAL 2017*. EAPN Portugal. Obtido de <https://www.eapn.pt/ficheiro/3b048e8ad3e7cbd51bdbef24771c8f6d>
- Rede Europeia Anti-Pobreza, Portugal, Portugal (2017). *Indicadores sobre Pobreza: dados europeus e nacionais*, Porto: EAPN. Obtido de <https://www.eapn.pt/ficheiro/e1483581bc504f6b3dd9a0a4ce439841>
- Sánchez, M., Kaplan, M., & Sáez, J. (2010). *Programas intergeneracionales. Guía Introductoria*. Madrid: Ministerio de Sanidad y Política Social.
- Santos, F. (2012). GerAções Lx: proposta de projeto piloto para diminuir o idadismo e promover um autoconceito positivo num grupo de seniores e (Dissertação de Mestrado). Obtido de <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/6376>
- Sousa, L. Cerqueira, M., & Galante, H. (2002). Age variations in the perceptions of how to age successfully: an exploratory study in the Portuguese population. *Reviews of Clinical Gerontology, 14*, 327-335.
- Stacciarini, T. (2012). *Adaptação e validação da escala para avaliar a capacidade de autocuidado Appraisal of Self Care Agency Scale – Revised para o Brasil* (Tese de Doutoramento). Universidade de São Paulo, Brasil.
- Stremmel, A. J., Travis, S. S. & Kelly-Harrison, P. (1996). Development of the Intergenerational Exchanges Attitude Scale. *Educational Gerontology, 22*(4), 317-328.
- Szinovacz, M. E. (1998). Grandparent research: past, present, and future. In M. E. Szinovacz (Ed.), *Handbook on grandparenthood* (pp. 1–22). Road West: Greenwood Press.
- Tarallo, R. dos S., Neri, A. L., Cachioni, M., Tarallo, R. dos S., Neri, A. L., & Cachioni, M. (2016). Semantic and cultural equivalence of the Intergenerational Exchanges Attitude Scale (IEAS). *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 19*(3), 453–463. <https://doi.org/10.1590/1809-98232016019.150002>
- Thompson, S. (2002). *Sampling* (Second Edition). USA: Wiley-Interscience.
- Tomlin, A. M. (1998). Grandparents' influences on grandchildren. In *Handbook on grandparenthood* (pp. 159–170). Westport, CT: Greenwood Publishing Group.
- Uhlenberg, P. (2000). Integration of old and young. *The Gerontologist, 40*(3), 276–279. doi:10.1093/geront/40.3.276
- United Generations Ontario (2006). *Best Practices in Intergenerational Programming: Connections Generations Tool Kit*. Documento não publicado.
- United Nations, Department of Economic and Social Affairs (2017). *World Population Ageing 2017: Highlights*. New York: United Nations.
- Veloso, E. As universidades da terceira idade em Portugal: Um contributo para a análise da sua emergência. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, ano 41-3. 2007.

- Vieira, S. (2010). *Paredes que separam Gerações: Crianças e Idosos em Instituições*. Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.
- Wacker, R., Roberto, K. & Piper, L. (2002). *Community Resources for older adults: programs and services in a era of change* (2 Ed.) California: Sage Publications, Pine Forge Press.
- Weber, L. N. D. & Kossobudzki, L. H. M. (1996). *Filhos da solidão: Institucionalização, abandono e adoção*. Curitiba: Governo do Estado do Paraná.
- World Health Organization (Eds.). (2002). *Active Ageing: A policy framework*. Geneva: WHO.

ANEXOS

ANEXO A - Instrumento para avaliar a compreensão da EATI

Instruções de Preenchimento (compreensão das indicações)	
Itens (clareza e compreensão dos diferentes itens)	
Item n.º	Observações:
Opções de resposta (Dificuldade, adequação, sugestões,...):	

Observações (Outras observações e sugestões):

Data: ___/___/___

Respondente: _____

ANEXO B – Autorização autor da EATI

RE: Intergenerational Exchanges Attitude Scale (IEAS)

Stremmel, Andrew <[REDACTED]> seg, 05/11/2018 15:06
Para: Bárbara Sousa <[REDACTED]>

Hello,

I am sorry for my tardy reply. Yes, you are welcome to use the IEAS for your research. I have not conducted research using the scale for quite some time, but am pleased for you to use it. I am not certain of what else you are asking, so please me know what of what additional assistance I can be. Also please note I will be out of the office November 8-18 and will have limited access to email.

Andrew J. Stremmel, Ph.D.
Professor
Department of Teaching, Learning, & Leadership College of Education &
Human Sciences
South Dakota State University
217 Wenona Hall, Box 507
1145 Medary Avenue
Brookings, SD 57007
Ph: [REDACTED]
FAX: [REDACTED]

From: Bárbara Sousa <[REDACTED]>
Sent: Friday, November 2, 2018 11:41 AM
To: Stremmel, Andrew <[REDACTED]>
Cc: maria j.. amante <[REDACTED]>; Lia Araújo <[REDACTED]>
Subject: Intergenerational Exchanges Attitude Scale (IEAS)

Dear Mr. Andrew J. Stremmel,

My name is Bárbara Sousa, I am a Social Educator and I am currently attending the Psychosocial Intervention with Children and Young People at Risk Master at the Polytechnic Institute of Viseu (Portugal). In this context, I intend to develop a study that addresses the issues of intergenerationality and children / youth at risk, namely to develop Intergenerational workshops using an app built within the framework of the VIAS Project | Viseu InterAge Stories (a financed project and of which I am a research fellow).

In this sense and having knowledge of your research work, namely the Intergenerational Exchanges Attitude Scale (IEAS), which you have developed, I would like to ask you to authorize the process of validation of this scale for the Portuguese population.

If you authorize the use of the scale, I would like, if possible, to have

access to its final and complete version, as well as to know if you recommend some adjustments.

Thank you in advance for your attention, and in the event of a positive response, I undertake to provide you with the results obtained in my study.

Best regards,

Bárbara Sousa

ANEXO C – Autorização do autor da validação da EATI para a População Brasileira

Re: Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais

De: Roberta Tarallo <[REDACTED]>

Enviado: 20 de outubro de 2018 00:16:35

Para: Bárbara Sousa

Assunto: Re: Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais

Prezada Bárbara!

É com muita alegria que envio a versão adaptada da escala, bem como todo o meu estudo sobre a temática.

O material solicitado está na última página.

Estou à disposição.

Cordialmente,

Roberta dos Santos Tarallo.

Em segunda-feira, 15 de outubro de 2018 12:36:11 BRT, Bárbara Sousa

<[REDACTED]> escreveu:

Ex.a Sr.a,

No âmbito da frequência do Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco, da Escola Superior de educação de Viseu (Portugal), venho por este meio solicitar a possibilidade de consulta da Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais (EATI) por V/adaptada.

Desde já agradeço toda a atenção dispensada. Com os melhores cumprimentos,
Bárbara Sousa

ANEXO D – Pedido de autorização para recolha de dados remetido às instituições

PEDIDO DE COLABORAÇÃO

Viseu, de Janeiro de 2019

No âmbito da dissertação de Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco, que está a ser realizada na Escola Superior de Educação de Viseu, do Instituto Superior Politécnico de Viseu, pela aluna Bárbara Sousa, sob orientação da Professora Doutora Maria João Amante e da Professora Doutora Lia Araújo, e que visa a validação para a população portuguesa da *Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais (EATI)*, vimos por este meio solicitar a colaboração de V. Exas.

Este trabalho tem como objetivo a adaptação e validação para a população portuguesa da *Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais (EATI)*, enquanto ferramenta útil para programas que realizam atividades entre crianças e idosos, bem como para profissionais que trabalham e desenvolvem ações deste carácter.

A *Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais (EATI)* (Stremmel et. al., 1996) contem 24 itens de resposta em categoria de formato *Likert*, pontuando de 5 (concordo totalmente) a 1 (discordo totalmente).

O questionário é anónimo e é garantido aos inquiridos que os dados recolhidos serão mantidos confidenciais, respeitando os princípios deontológicos de investigação em ciências sociais. A participação dos Vossos utentes é voluntária e será precedida pela autorização dos respetivos Encarregados de Educação, quando aplicável. O preenchimento dos questionários deverá ser realizado em contexto da Vossa Instituição, em horário a combinar entre o investigador e os respetivos responsáveis de valência, com o conhecimento e autorização da Direção da Instituição. Os resultados dos dados recolhidos serão analisados e, mais tarde, apresentados para Vossa análise e reflexão.

A aplicação deste instrumento foi autorizada pelo seu autor. O documento comprovando essa autorização é enviado em anexo a este documento.

Gostaríamos, por isso, de apresentar a presente proposta de colaboração neste projeto à Direção da Vossa Instituição

Agradeço desde já a vossa atenção e disponibilidade.

Com os melhores cumprimentos,

(Bárbara Sousa)

ANEXO E – Pedido de autorização para recolha de dados remetido aos Encarregados de Educação

PEDIDO DE COLABORAÇÃO

Exmo. Sr. Encarregado de Educação

No âmbito da dissertação de Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco, que está a ser realizada na Escola Superior de Educação de Viseu, do Instituto Superior Politécnico de Viseu, pela aluna Bárbara Sousa, sob orientação da Professora Doutora Maria João Amante e da Professora Doutora Lia Araújo, e que visa a validação para a população portuguesa da *Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais (EATI)*, vimos por este meio solicitar a colaboração de V. Exas.

Este trabalho tem como objetivo a adaptação e validação para a população portuguesa da *Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais (EATI)*, enquanto ferramenta útil para programas que realizam atividades entre crianças e idosos, bem como para profissionais que trabalham e desenvolvem ações deste carácter.

Para tal, é necessária a aplicação de questionários a crianças/jovens entre os 6 e os 12 anos, pelo que se pede a vossa autorização. O questionário é anónimo e os dados recolhidos serão mantidos confidenciais, respeitando os princípios deontológicos de investigação em ciências sociais.

O preenchimento dos questionários pelas crianças/jovens será realizado em contexto de instituição/equipamento em horário a combinar entre o investigador e os respetivos responsáveis de valência, com o conhecimento e autorização da Direção da Instituição. Para autorizar a participação do seu educando, preencha por favor o destacável que se segue, e entregue-o na Instituição.

Agradecemos desde já a vossa atenção e colaboração neste projeto.

Viseu, Janeiro de 2019



Eu, _____, Encarregado/a de Educação do/a aluno/a _____, a frequentar o _____ da Instituição _____, venho por este meio autorizar que o meu educando participe no estudo para «Adaptação e validação para a população portuguesa da *Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais (EATI)*», através da resposta de um questionário.

Data: ___/___/___

_____(Assinatura do Encarregado de Educação)

ANEXO F – Questionário aplicado para validação da EATI (Crianças e Jovens)

ESTUDO DE AVALIAÇÃO DA MUDANÇA DE ATITUDES EM RELAÇÃO ÀS TROCAS INTERGERACIONAIS

Este questionário insere-se no âmbito do Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco, que estou a frequentar na Escola Superior de Educação, do Instituto Superior Politécnico de Viseu. Este estudo, sob a orientação da Professora Doutora Maria João Amante e orientação da Professora Doutora Lia Araújo, visa a validação para a população portuguesa da Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais (EATI). Agradeço a tua disponibilidade para o preenchimento do mesmo (com duração aproximada entre 10 a 15 minutos).

O estudo destina-se, exclusivamente, a fins de investigação, pelo que está garantida a confidencialidade e anonimato no tratamento e apresentação dos dados.

Não existem respostas corretas ou erradas. Verifica, no final, se respondeste a todas as questões.

Obrigada pela tua colaboração.

Bárbara Sousa

bbrasousa@gmail.com

Questionário Sociodemográfico

1. Género:

_____ Feminino; _____ Masculino; _____ Outro

2. Idade (anos): _____

3. Qual o último ano de escolaridade que concluíste com sucesso?

4. Com que frequência tens contacto com os teus avós, ou com pessoas da idade deles?

_____ Nunca; _____ Anual; _____ Semestral; _____ Trimestral;

_____ 1 vez por semana; _____ 2 a 3 vezes por semana;

_____ 4 a 5 vezes por semana; _____ Todos os dias;

5. Costumas fazer atividades com os teus avós, ou com pessoas da idade deles?

_____ Sim; _____ Não

5.1. Se respondeste “sim”, indica que atividades.

Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais (EATI)

As seguintes afirmações são acerca da intergeracionalidade entre crianças e adultos mais velhos. Por favor assinale, em cada afirmação, se concorda totalmente (5), concorda (4), não concorda nem discorda (3), discorda (2) ou discorda totalmente (1).

De acordo com as afirmações:	Concordo totalmente	Concordo	Não Concordo Nem Discordo	Discordo	Discordo Totalmente
1. Os adultos mais velhos e as crianças ajudam-se uns aos outros.	5	4	3	2	1
2. As crianças e os adultos mais velhos divertem-se juntos.	5	4	3	2	1
3. Os adultos mais velhos e as crianças têm relacionamentos afetuosos.	5	4	3	2	1
4. As crianças e os adultos mais velhos são bons companheiros.	5	4	3	2	1
5. Os adultos mais velhos partilham a sua sabedoria com as crianças.	5	4	3	2	1
6. As crianças estimulam os interesses dos adultos mais velhos.	5	4	3	2	1
7. Os adultos mais velhos gostam de atividades com crianças.	5	4	3	2	1
8. Os adultos mais velhos são sensíveis às necessidades das crianças.	5	4	3	2	1
9. Os adultos mais velhos são gentis e amáveis com as crianças.	5	4	3	2	1
10. Os adultos mais velhos e as crianças sentem carinho uns pelos outros.	5	4	3	2	1
11. As crianças pensam que os adultos mais velhos são feios.	5	4	3	2	1
12. As crianças acham que os adultos mais velhos são tolos.	5	4	3	2	1
13. As crianças sentem-se inseguras perto dos adultos mais velhos	5	4	3	2	1
14. As crianças pensam que os adultos mais velhos são aborrecidos.	5	4	3	2	1

De acordo com as afirmações:	Concordo totalmente	Concordo	Não Concordo Nem Discordo	Discordo	Discordo Totalmente
15. As crianças fazem demasiadas perguntas para estarem perto dos adultos mais velhos.	5	4	3	2	1
16. As crianças são demasiado egoístas para estarem perto dos adultos mais velhos.	5	4	3	2	1
17. Os adultos mais velhos têm dificuldade em conquistar o respeito das crianças.	5	4	3	2	1
18. Os adultos mais velhos ficam nervosos perto das crianças.	5	4	3	2	1
19. As crianças são demasiado agitadas para os adultos mais velhos.	5	4	3	2	1
20. Os adultos mais velhos não são tolerantes com crianças desleixadas.	5	4	3	2	1
21. Os adultos mais velhos protegem demasiadamente as crianças.	5	4	3	2	1
22. Os adultos mais velhos são muito brandos quando as crianças se portam mal.	5	4	3	2	1
23. As crianças fazem batota nos jogos com os adultos mais velhos.	5	4	3	2	1
24. Os adultos mais velhos são muito frágeis para estarem perto de crianças.	5	4	3	2	1

Muito obrigada pela tua colaboração!

ANEXO G – Questionário aplicado para validação da EATI (Adultos mais Velhos)

ESTUDO DE AVALIAÇÃO DA MUDANÇA DE ATITUDES EM RELAÇÃO ÀS TROCAS INTERGERACIONAIS

Este questionário insere-se no âmbito do Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco, a ser realizado na Escola Superior de Educação, do Instituto Superior Politécnico de Viseu. Este estudo, sob a orientação da Professora Doutora Maria João Amante e orientação da Professora Doutora Lia Araújo, visa a validação para a população portuguesa da Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais (EATI), sendo que agradecemos a sua disponibilidade para o preenchimento do mesmo (com duração aproximada entre 10 a 15 minutos).

O estudo destina-se, exclusivamente, a fins de investigação, pelo que está garantida a confidencialidade e anonimato no tratamento e apresentação dos dados.

Não existem respostas corretas ou erradas. Verifique, no final, se respondeu a todas as questões.

Obrigada pela sua colaboração.

Bárbara Sousa

bbrasousa@gmail.com

Questionário Sociodemográfico

1. Género:

_____ Feminino _____ Masculino _____ Outro

2. Idade: _____

3. Estado civil: _____

4. Habilitações Académicas:

_____ < 4.ºano; _____ 4.ºano; _____ 6.º ano; _____ 9.º ano; _____ 12.º ano
_____ Bacharelato; _____ Licenciatura; _____ Mestrado; _____ Doutoramento
_____ Outro: _____

5. Com que frequência tem contacto com os seus netos, ou com pessoas da idade deles?

_____ Nunca; _____ Anual; _____ Semestral; _____ Trimestral;
_____ 1 vez por semana; _____ 2 a 3 vezes por semana;
_____ 4 a 5 vezes por semana; _____ Todos os dias;

6. Já participou em atividades de cariz intergeracional, isto é, envolvendo crianças e seniores?

_____ Sim; _____ Não

6.1. Se respondeu “sim”, indique que atividades.

Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais (EATI)

As seguintes afirmações são acerca da intergeracionalidade entre crianças e adultos mais velhos. Por favor assinale, em cada afirmação, se concorda totalmente (5), concorda (4), não concorda nem discorda (3), discorda (2) ou discorda totalmente (1).

De acordo com as afirmações:	Concordo totalmente	Concordo	Não Concordo Nem Discordo	Discordo	Discordo Totalmente
1. Os adultos mais velhos e as crianças ajudam-se uns aos outros.	5	4	3	2	1
2. As crianças e os adultos mais velhos divertem-se juntos.	5	4	3	2	1
3. Os adultos mais velhos e as crianças têm relacionamentos afetuosos.	5	4	3	2	1
4. As crianças e os adultos mais velhos são bons companheiros.	5	4	3	2	1
5. Os adultos mais velhos partilham a sua sabedoria com as crianças.	5	4	3	2	1
6. As crianças estimulam os interesses dos adultos mais velhos.	5	4	3	2	1
7. Os adultos mais velhos gostam de atividades com crianças.	5	4	3	2	1
8. Os adultos mais velhos são sensíveis às necessidades das crianças.	5	4	3	2	1
9. Os adultos mais velhos são gentis e amáveis com as crianças.	5	4	3	2	1

De acordo com as afirmações:	Concordo totalmente	Concordo	Não Concordo Nem Discordo	Discordo	Discordo Totalmente
10. Os adultos mais velhos e as crianças sentem carinho uns pelos outros.	5	4	3	2	1
11. As crianças pensam que os adultos mais velhos são feios.	5	4	3	2	1
12. As crianças acham que os adultos mais velhos são tolos.	5	4	3	2	1
13. As crianças sentem-se inseguras perto dos adultos mais velhos	5	4	3	2	1
14. As crianças pensam que os adultos mais velhos são aborrecidos.	5	4	3	2	1
15. As crianças fazem demasiadas perguntas para estarem perto dos adultos mais velhos.	5	4	3	2	1
16. As crianças são demasiado egoístas para estarem perto dos adultos mais velhos.	5	4	3	2	1
17. Os adultos mais velhos têm dificuldade em conquistar o respeito das crianças.	5	4	3	2	1
18. Os adultos mais velhos ficam nervosos perto das crianças.	5	4	3	2	1
19. As crianças são demasiado agitadas para os adultos mais velhos.	5	4	3	2	1
20. Os adultos mais velhos não são tolerantes com crianças desleixadas.	5	4	3	2	1
21. Os adultos mais velhos protegem demasiadamente as crianças.	5	4	3	2	1
22. Os adultos mais velhos são muito brandos quando as crianças se portam mal.	5	4	3	2	1
23. As crianças fazem batota nos jogos com os adultos mais velhos.	5	4	3	2	1
24. Os adultos mais velhos são muito frágeis para estarem perto de crianças.	5	4	3	2	1

Muito obrigada pela sua colaboração!

ANEXO H – Questionário aplicado para validação da EATI (Profissionais)

ESTUDO DE AVALIAÇÃO DA MUDANÇA DE ATITUDES EM RELAÇÃO ÀS TROCAS INTERGERACIONAIS

Este questionário insere-se no âmbito do Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco, a ser realizado na Escola Superior de Educação, do Instituto Superior Politécnico de Viseu. Este estudo, sob a orientação da Professora Doutora Maria João Amante e orientação da Professora Doutora Lia Araújo, visa a validação para a população portuguesa da Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais (EATI), sendo que agradecemos a sua disponibilidade para o preenchimento do mesmo (com duração aproximada entre 10 a 15 minutos).

O estudo destina-se, exclusivamente, a fins de investigação, pelo que está garantida a confidencialidade e anonimato no tratamento e apresentação dos dados.

Não existem respostas corretas ou erradas. Verifique, no final, se respondeu a todas as questões.

Obrigada pela sua colaboração.

Bárbara Sousa

bbrasousa@gmail.com

Questionário Sociodemográfico

1. Género:

_____ Feminino; _____ Masculino; _____ Outro

2. Idade: _____

3. Estado civil: _____

4. Habilitações Académicas:

_____ 4.º ano; _____ 6.º ano; _____ 9.º ano; _____ 12.º ano

_____ Bacharelato; _____ Licenciatura; _____ Mestrado; _____ Doutoramento

_____ Outro: _____

5. Categoria Profissional

_____ Gestor

_____ Encarregado de serviços gerais

_____ Diretor técnico

_____ Educador social

_____ Educador de infância

_____ Assistente social

_____ Animador cultural

_____ Psicólogo

_____ Ajudante de ação direta

_____ Outro: _____

6. Tipo de instituição onde trabalha:

_____ Pública; _____ Privada;
_____ IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social)
_____ ONG (Organização Não Governamental); _____ Outro: _____

7. Área(s) / contexto(s) de intervenção profissional:

_____ Social; _____ Escolar/Educacional; _____ Saúde;
_____ Judicial; _____ Outro: _____

8. População com quem trabalha:

_____ Crianças; _____ Jovens; _____ Adultos; _____ Seniores
_____ Pessoas portadoras de incapacidade / deficiência; _____ Famílias
_____ Comunidade em geral; _____ Outro: _____

9. Tem alguma experiência com atividades de cariz intergeracional, isto é, envolvendo crianças e seniores?

_____ Sim; _____ Não

Escala de Atitudes em relação a Trocas Intergeracionais (EATI)

As seguintes afirmações são acerca da intergeracionalidade entre crianças e adultos mais velhos. Por favor assinale, em cada afirmação, se concorda totalmente (5), concorda (4), não concorda nem discorda (3), discorda (2) ou discorda totalmente (1).

De acordo com as afirmações:	Concordo totalmente	Concordo	Não Concordo Nem Discordo	Discordo	Discordo Totalmente
1. Os adultos mais velhos e as crianças ajudam-se uns aos outros.	5	4	3	2	1
2. As crianças e os adultos mais velhos divertem-se juntos.	5	4	3	2	1
3. Os adultos mais velhos e as crianças têm relacionamentos afetuosos.	5	4	3	2	1
4. As crianças e os adultos mais velhos são bons companheiros.	5	4	3	2	1
5. Os adultos mais velhos partilham a sua sabedoria com as crianças.	5	4	3	2	1

De acordo com as afirmações:	Concordo totalmente	Concordo	Não Concordo Nem Discordo	Discordo	Discordo Totalmente
6. As crianças estimulam os interesses dos adultos mais velhos.	5	4	3	2	1
7. Os adultos mais velhos gostam de atividades com crianças.	5	4	3	2	1
8. Os adultos mais velhos são sensíveis às necessidades das crianças.	5	4	3	2	1
9. Os adultos mais velhos são gentis e amáveis com as crianças.	5	4	3	2	1
10. Os adultos mais velhos e as crianças sentem carinho uns pelos outros.	5	4	3	2	1
11. As crianças pensam que os adultos mais velhos são feios.	5	4	3	2	1
12. As crianças acham que os adultos mais velhos são tolos.	5	4	3	2	1
13. As crianças sentem-se inseguras perto dos adultos mais velhos	5	4	3	2	1
14. As crianças pensam que os adultos mais velhos são aborrecidos.	5	4	3	2	1
15. As crianças fazem demasiadas perguntas para estarem perto dos adultos mais velhos.	5	4	3	2	1
16. As crianças são demasiado egoístas para estarem perto dos adultos mais velhos.	5	4	3	2	1
17. Os adultos mais velhos têm dificuldade em conquistar o respeito das crianças.	5	4	3	2	1
18. Os adultos mais velhos ficam nervosos perto das crianças.	5	4	3	2	1
19. As crianças são demasiado agitadas para os adultos mais velhos.	5	4	3	2	1
20. Os adultos mais velhos não são tolerantes com crianças desleixadas.	5	4	3	2	1
21. Os adultos mais velhos protegem demasiadamente as crianças.	5	4	3	2	1

De acordo com as afirmações:	Concordo totalmente	Concordo	Não Concordo Nem Discordo	Discordo	Discordo Totalmente
22.Os adultos mais velhos são muito brandos quando as crianças se portam mal.	5	4	3	2	1
23.As crianças fazem batota nos jogos com os adultos mais velhos.	5	4	3	2	1
24.Os adultos mais velhos são muito frágeis para estarem perto de crianças.	5	4	3	2	1

Muito obrigada pela sua colaboração!